

filipe lopes: fazer da poesia um
instrumento **blimunda** antônio
jorge gonçalves: puxar o fio da
vida **3** ao cubo: e nascem três
bibliotecas ilustradas
Visita guiada: livros horizonte
jose saramago e a **literatura**

mensal n.º 57
fev 2017 funda
ção José Sara
mago

4— **editorial**
deixemos à literatura
a necessária e devida
liberdade

5— **Leituras**
Sara Figueiredo Costa

11— **Estante**
Sara Figueiredo Costa
Andreia Brites

13— **em breve**
Ricardo Viel

18— **António Jorge**
Gonçalves: Puxar o fio
da vida
Sara Figueiredo Costa

29— **Filipe Lopes:**
fazer da poesia
um instrumento
Ricardo Viel

37— **3 ao cubo: três**
bibliotecas ilustradas
Andreia Brites

58— **And The winner Is...**
Andreia Brites

59— **Visita Guiada**
Livros Horizonte
Andreia Brites

73— **Espelho Meu**
Andreia Brites

79— **Saramaguiana**
José Saramago
e a Literatura

89— **Agenda**

Deixemos à literatura a necessária e devida liberdade

Crises humanitárias, populismos despu-
dorados, cerceamento de liberdades indi-
viduais e coletivas, novos puritanismos...
Que papel está reservado à literatura no
mundo em que vivemos? José Saramago
afirmou em entrevista que «É a literatura
o que, inevitavelmente, faz pensar. É a
palavra escrita, a que está no livro, a que
faz pensar. E neste momento é a última na
escala dos valores.» Assumindo esta premissa, o livro e a literatura
continuam a funcionar como bastiões de liberdade. São muitas
as notícias, das verdadeiras, que nos informam sobre as listas de
livros proibidos em certos estados dos Estados Unidos, como, por
exemplo, *As Aventuras de Huckleberry Finn*, *O Triunfo dos Porcos*,
Farehneit 451 ou *A Sangue Frio*. Pelos mais diversos motivos, os
livros acabam por carregar, na opinião de alguns censores, semen-
tes de subversão, as mesmas que o ensino deve lançar por forma
a criar cidadãos mais conscientes e preparados para viver num
mundo com desafios cada vez mais urgentes. E o campo da litera-
tura, da palavra, acaba por ser considerado o terreno sobre o qual
todos podem opinar, criticar ou censurar. Aceitar que qualquer

leitor possa ter opinião é uma premissa que
não pode ser posta em causa. Mas essa opinião
deve ser aceite como tal, como uma opinião.
A liberdade hoje deve passar por cidadãos
mais informados, por alunos que sejam con-
frontados com experiências literárias diversas
que os afastem de uma formatação nociva
para eles próprios e para a sociedade. Em rea-
ção à polémica levantada sobre o seu livro o

nosso reino, Valter Hugo Mãe afirmou que «Para não o perceber
basta não ler». Que alguns pais possam fazer essas leituras, é um
facto que temos de aceitar. Que por via dessa opinião, a escolha
criteriosa de um livro possa ser posta em causa, deve alertar-nos
a todos. Se essa opinião se baseia na presença de algumas pala-
vras ou ideias que podem chocar, esse alerta deve ser redobrado.
Porque, como afirmou Álvaro Laborinho Lúcio na leitura do
romance realizada na FJS, «Tenho pena de não ter tido nenhuma
dessas palavras no excerto lido. Gostava tanto de me ter lembra-
do do tempo em que era criança».

Lembremo-nos, pois, do tempo em que fomos crianças, deixemos
à literatura a necessária e devida liberdade.

Blimunda 57

fevereiro 2017

DIRETOR

Sérgio Machado Letria

EDIÇÃO E REDAÇÃO

Andreia Brites

Ricardo Viel

Sara Figueiredo Costa

REVISÃO

Rita Pais

DESIGN

Jorge Silva/silvadesigners



Fundação José Saramago
www.josesaramago.org

Casa dos Bicos

Rua dos Bacalhoiros, 10

1100-135 Lisboa - Portugal

blimunda@josesaramago.org

www.josesaramago.org

N. registo na ERC 126 238

Os textos assinados

são da responsabilidade

dos respetivos autores.

Os conteúdos desta publicação

podem ser reproduzidos

ao abrigo da Licença

Creative Commons



GONÇALO VIANA

Onde estamos Where to find us

Rua dos Bacalhoiros, Lisboa

Tel: (351) 218 802 040

www.josesaramago.org

info.pt@josesaramago.org

COMO CHEGAR GETTING HERE

Metro Subway

Terreiro do Paço

(Linha azul Blue Line)

Autocarros Buses

25E, 206, 210, 711, 728, 735,
746, 759, 774, 781, 782, 783, 794

Segunda a Sábado

Monday to Saturday

10 às 18h 10 am to 6 pm

FUNDAÇÃO JOSÉ SARÁMAGO THE JOSÉ SARAMAGO FOUNDATION CASA DOS BICOS

A RODA VIVA DA LITERATURA

No mês passado, o suplemento *Babelia*, do *El País*, dedicou um longo artigo ao fenómeno dos festivais literários que se multiplicam em muitos países, colocando os escritores numa roda viva de convites, viagens, mesas redondas e estadas em hotéis que podem ocupar-lhes mais de metade do ano. «Hoy es posible que un escritor (sin hablar de la-gama-premio-Nobel o del círculo áulico Rushdie-Houellebecq-etcétera) reciba entre veinte y treinta y cinco invitaciones por año para participar en eventos literarios de su país o el extranjero. Si las aceptara todas, pasaría más de cien días entre aviones y mesas redondas. Nadie las acepta todas pero, a veces, casi. Si un escritor es sobre todo alguien que escribe, ¿cuándo lo hace, en medio de ese movimiento? ¿Contribuye o impacta en su oficio ese nomadismo intermitente? ¿Qué tensiones se mueven entre circular en público y escribir en privado?» As respostas, dadas por treze escritores, variam muito. Há

quem se sinta na obrigação de promover o seu trabalho ainda que não se sinta nada à vontade no mundo-espetáculo criado em torno da literatura, há quem aproveite as viagens e os hotéis para escrever e quem tenha decidido reduzir o número de convites que aceita para não perder tempo de leitura e de escrita. O escritor argentino Rodrigo Frésan pertence ao primeiro grupo: «(...) que tengas que convertirte en un ser hipersocial por una vocación por la cual lo que querías era quedarte solo, es un poco raro. Creo que la proliferación de festivales ha cambiado, para mal, la percepción del escritor por parte del lector.» Andréa del Fuego, autora brasileira distinguida com o Prémio José Saramago em 2011, tem uma relação mais pacificada com os festivais: «Tengo simpatía por estos encuentros y asisto por militancia hacia la lectura. Es verdad que, para el autor, el centro gravitacional es su escritura, y que eso es algo íntimo. Pero los eventos son el alma del mercado y los autores siempre volverán a su intimidad, donde no hay ningún contacto con los mecanismos de divulgación.»

Uma das respostas mais inesperadas é a de Leonardo Padura, autor que viaja bastante e cujo nome é presença regular em festivais literários do mundo inteiro. «Al cubano Leonardo Padura los viajes le suponen un atractivo extra: el yogur. Cuando regresa a su casa en La Habana después de un viaje por el extranjero, llega con una maleta cargada de yogur, que en Cuba no se consigue. Puede parecer banal, pero salir, ver mundo, cambiar de perspectiva, es, para muchos, un valor intangible, y muy alto, que, además de la conversación literaria y el contacto con los lectores, otorgan estos festivales.» Diz Padura: «Cuando empecé a publicar y me invitaban a algún sitio fuera de Cuba era una fiesta. No viajábamos con libertad y salir tenía una connotación especial. Además, si te pagaban algo podías comprar cosas que no tenías en Cuba. Pero ahora recibo treinta invitaciones por año. Me paso seis meses fuera, entonces no escribo. Aunque trabajo, y mucho. Lo llevo bien y mal. Pero asumo la promoción como parte del trabajo. Te da visibilidad y eso es importante. Y en mi caso especialmente, porque en Cuba

tengo muy poca: mis libros se publican de manera aleatoria, y casi nunca me invitan a eventos.»



DE ONDE VEM O QUE COMEMOS

No site *Buala*, um artigo de Filipe Nunes, originalmente publicado no jornal *Mapa*, dá conta da situação social, económica e ambiental que se vive atualmente na agricultura portuguesa.

«A evolução dos campos nunca foi tão rápida e avassaladora como hoje em dia. Em menos de meio século, a ruralidade alterou-se completamente e com ela o trabalho agrícola. O português abandonou a terra, fez-se “doutor” e, quanto muito, volta a ela como “empreendedor”. Os recentes protestos dos imigrantes da agricultura alertaram para o que se dizia ter ficado para trás com o 25 de abril: a exploração do trabalhador agrícola. Algo que mesmo quem fez a reforma agrária teima em não ver, agora que já não existem “rurais”, com



o abandono e a industrialização do campo. Já não existem sindicatos rurais ativos, mas pelas vilas o cante das conversas é mais racista para com a classe de trabalhadores rurais que não fala português. A solidariedade deixou de existir e, nos últimos tempos, apenas a associação Solidariedade Imigrante, a partir de Lisboa, lhe empresta o nome nas suas lutas por “papéis”. Mas o brado dos imigrantes ecoa forte. O azeite do olival intensivo esventrou de vez os solos do nosso futuro, os frutos vermelhos das estufas plastificam a nossa paisagem e a destruição do território e do nosso horizonte humano é assumida entre dois campos separados: as lutas dos imigrantes e as lutas ambientais contra a imposição da agroindústria devastadora. A urgência de olhar de forma abrangente para essas lutas levou-nos dos olivais de Ferreira do Alentejo e Beja às estufas de Odemira e aos pomares do Algarve.» O texto acompanha a situação de várias produções agrícolas do sul do país, ouvindo testemunhos, registando a precariedade laboral,

as discriminações e o modo desordenado e ecologicamente insustentável como se organiza a produção agrícola. «Não saber comer o que é da época significou romper com práticas culturais milenares e com os ciclos vegetais tradicionais de cada território: a conquista do consumo em massa, a vitória da “abundância fora das épocas”. O seu preço foi a destruição da agricultura familiar, da sabedoria camponesa, dos pequenos produtores e das zonas agrícolas tradicionais num contexto de concorrência internacional de baixos custos, e uma geografia global dos alimentos determinada pela “mobilidade” da mão de obra barata e pela legislação nas mãos das multinacionais. Quando a sazonalidade desapareceu dos nossos pratos, desapareceu o campesinato, não apenas europeu, mas sobretudo do sul global, provocando as migrações forçadas da mão de obra que a agroindústria precisa. Nada menos do que uma “deportação programada”»



A BIBLIOTECA DE MARIO VARGAS LLOSA

Um escritor também se reflete na biblioteca que guarda e consulta. Por convite de Mario Arce, bibliotecário responsável pela biblioteca de Mario Vargas Llosa, em Arequipa (Peru), a BBC percorreu os quase oito mil volumes que o autor juntou até agora, parte deles acessíveis ao público. Numa zona reservada encontram-se os volumes sublinhados e anotados por Vargas Llosa, compondo um fundo mais íntimo do percurso de leitura e escrita do seu proprietário.

«"Entre ellos están Gabriel García Márquez, Carlos Fuentes, Miguel Ángel Asturias, autores de distintas nacionalidades y en varios idiomas", explicó Arce. "Son libros que nosotros consideramos patrimonio bibliográfico porque el hecho de tener anotaciones de puño y letra de Vargas Llosa con valoraciones críticas de cada una de estas obras le da un valor específico que seguramente serán materia de análisis por

LEITURAS DO MÊS

SARA FIGUEIREDO COSTA

parte de los estudiosos de la obra de Mario Vargas Llosa", añadió.

Estos libros, considerados un tesoro de la biblioteca, representan casi la mitad de la totalidad los ejemplares donados por el escritor peruano.» O artigo publicado pela BBC online, no âmbito do Hay Festival de Cartagena, inclui uma série de vídeos que permitem satisfazer a curiosidade bibliófila e andar por algumas das prateleiras desta biblioteca.



OS LIVROS DEPOIS DA GUERRA

Assinado o cessar fogo entre o governo colombiano e as FARC, o muito trabalho que há para fazer na Colômbia inclui a disponibilização de livros e de pontos de leitura pública junto das populações que há muitos anos não lhes tinham acesso. Nos arredores de Bogotá, uma equipa de vinte bibliotecários das Bibliotecas Sin Fronteras prepara-se para iniciar esse

trabalho através de bibliotecas móveis que procurarão chegar aos pontos geográficos onde se situavam acampamentos da guerrilha, começando o seu trabalho junto das comunidades indígenas. Na revista *Arcadia*, um artigo de Christopher Tibble dá conta dessa trabalho que agora começa: «Desplegables en menos de 20 minutos, las bibliotecas públicas móviles adquiridas de la ONG consisten de cuatro módulos: el administrativo (planta eléctrica, computador del bibliotecario), el de lectura (380 libros físicos, más de 200 libros digitales, un tapete, muebles inflables), el informativo (cinco computadores, 17 tabletas, 15 diademas) y el audiovisual (televisor, maleta de cine, servidor wi-fi con todos los contenidos digitales). Así mismo, cada biblioteca contará con una caja didáctica de Fernando Botero y juegos como ajedrez, rummi-q y dominó. En cuanto a los libros, la selección la hizo un comité conformado por el CERLALC, la Biblioteca Nacional y la Red Nacional de Bibliotecas Públicas. Además de incluir los títulos de una lista

básica impresa, que incluye autores clásicos como Gabriel García Márquez, se desarrolló de manera mancomunada con la Oficina del Alto Comisionado para la Paz una serie de talleres pedagógicos con las comunidades y los excombatientes para averiguar ellos qué querían leer. “Nos dimos cuenta de que sobre todo querían libros relacionados con temas como desarrollo rural, oficios, empresarismo, género, historia de Colombia y de América Latina”, dice García.» Espera-se que os livros e a presença das bibliotecas, que não são apenas um conjunto de livros, oferecendo outras ferramentas essenciais para o desenvolvimento e a dignidade humana, possam ajudar a reconstruir a paz.



LEITURAS DO MÊS

SARA FIGUEIREDO COSTA

***Em Viagem Pela Europa
de Leste***
Gabriel García Márquez
Dom Quixote
**Tradução de J. Teixeira de
Aguilar**

Para lá da barreira



Em 1957, Gabriel García Márquez parte numa viagem aos territórios que então se dizia ficarem para lá da cortina de ferro: «A “cortina de ferro” não é uma cortina nem é de ferro. É uma barreira de pau pintada de vermelho e branco como os anúncios das barbearias.» (pg. 7) Nessa época, o autor era jornalista e vivia em Paris, iniciando a viagem na companhia de uma francesa, Jacqueline, e um italiano, Franco. O resultado dessa viagem foi sendo publicado em fascículos e a D. Quixote reúne agora todos os textos num único volume.

As cautelas jornalísticas de García Márquez ao longo destes textos são óbvias e dizem tanto sobre a vontade de cumprir deontologias como sobre a indisfarçável posição do autor no lado mais esquerdo do espectro político. Essa é uma das linhas de força deste livro, equilibrando um jornalista que não quer aceitar visitas encomendadas à URSS, nem percursos orientados por controleiros de qualquer um dos regimes cujos países visita, e um homem que não esconde a sua simpatia por países que afirmam não ter desemprego ou fome,

mesmo que se esforce por encontrar indícios desses dois elementos (sem sucesso, registre-se, ficando por saber se por causa do muito que não viu ou do momento em que pôde ver). Nesse equilíbrio, García Márquez cruza também uma prosa assente no género jornalístico da reportagem e uma deriva narrativa que inclui digressões pessoais, episódios humorísticos e alguns percalços, reconhecendo-se o estilo do autor sem que se imponha a necessidade de retomar a velha discussão sobre as fronteiras entre literatura e jornalismo.

A viagem começa pela Alemanha de Leste, onde os três companheiros de estrada se instalam por alguns dias. «Para nós era incompreensível que o povo da Alemanha Oriental tivesse tomado o poder, os meios de produção, o comércio, a banca, as comunicações e, não obstante, fosse um povo triste, o povo mais triste que eu alguma vez tinha visto.» (pg. 31) O percurso seguirá pela Checoslováquia, Polónia, URSS, Hungria, revelando diferenças profundas entre cada um destes países, que muitos, no Ocidente, tendiam a apresentar como uma

LEITURAS DO MÊS

SARA FIGUEIREDO COSTA

massa homogénea de geografias comunistas onde tudo era igual e igualmente sórdido. García Márquez foge de maniqueísmos, comentando a serenidade que se respira na Checoslováquia, o «único país socialista onde as pessoas não parecem sofrer de tensão nervosa e onde não se tem a impressão – falsa ou verdadeira – de se ser controlado pela polícia secreta.» (pg.67), a força do cristianismo na Polónia, onde as igrejas continuam amplamente frequentadas, ou a relativa abertura que a morte de Estaline parece ter trazido à URSS, «22.400.000 quilómetros quadrados sem um único anúncio da Coca-Cola.» (pg. 118) Não se esquece, no entanto, de referir a censura, a impossibilidade de viajar para o estrangeiro, a ameaça constante para quem se lembre de criticar o regime. E também não deixa de fora a sua maior virtude enquanto jornalista, a capacidade de encontrar boas histórias e de dar voz às pessoas que as protagonizam, fugindo do óbvio e das imposições que a realidade previamente «organizada» perante os estrangeiros (nomeadamente em Moscovo) tenta colocar-lhe à frente dos olhos.



(e m) b r e v e

RICARDO VIEL

A exposição «Meus caros amigos – Augusto Boal, cartas do exílio», organizada pelo Instituto Moreira Salles e mostrada pela primeira vez no Rio de Janeiro no ano passado, viajará para Lisboa. Em abril, o museu do Aljube receberá a mostra com a correspondência que Augusto Boal, o criador do Teatro do Oprimido, escreveu durante o seu exílio político (1971 a 1986). A curadoria da exposição é do poeta Eucanaã Ferraz.

Entre os amigos com quem o dramaturgo brasileiro falecido em 2009 trocou cartas durante os seus anos de exílio estão o poeta Ferreira Gullar, a atriz Fernanda Montenegro, e o músico e escritor Chico Buarque. Numa delas está a letra do samba que o carioca com-

pôs em homenagem ao amigo e que empresta o nome à exposição.

Em março chega às livrarias portuguesas o clássico *As veias abertas da América Latina*, de Eduardo Galeano. Com a chancela da Antígona, o livro publicado originalmente em 1971 ganha pela primeira vez uma edição em Portugal. Ainda este ano, a editora publicará mais um título do escritor uruguaio falecido em 2015: *O Livro dos Abraços*.

No dia 22 de fevereiro, tem lugar na Universidade de Coimbra a primeira das *master classes* que Adriana Calcanhotto dará durante este semestre. Além das au-

las em que falará sobre o seu percurso musical e literário, a autora brasileira fará também uma série de workshops, um deles sobre literatura voltada para a infância.

O contista e poeta brasileiro Marcelino Freire será publicado pela primeira vez em Portugal. *Nossos Ossos*, romance de 2013, é publicado pela Nova Delphi e será apresentado em março no Festival Literário da Madeira. O prefácio do livro é de Valter Hugo Mãe.

Dez anos após sua publicação, **UM DEFEITO DE COR** nos ajuda muito a pensar o Brasil atual. Protagonizado por uma mulher negra que fala em primeira pessoa, o romance de Ana Maria Gonçalves trabalha todos os silêncios impostos a pessoas negras em um país ainda regido pela falsa ideia de “democracia racial”.

PERNAMBUCO

Um jornal de Literatura e reflexões sobre o contemporâneo

www.suplementopernambuco.com.br

 /suplementopernambuco

   /suplementope



estante

SARA FIGUEIREDO COSTA

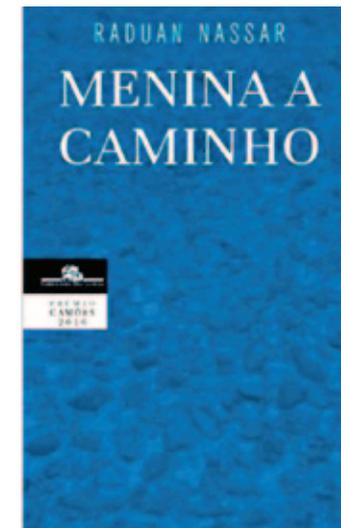
ANDREIA BRITES



Como Fernando Pessoa Pode Mudar a Sua Vida

Carlos Pittella e Jerónimo Pizarro
Tinta da China

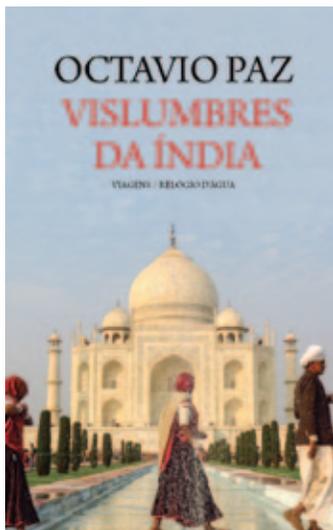
O título parece o de um livro de auto-ajuda e talvez seja, se pensarmos na imensidão de temas pelos quais Fernando Pessoa se interessou, reflectindo sobre eles na sua obra e nos muitos papéis que deixou, cada um deles uma potencial tábuia de salvação para quem encontra na leitura um modo de se relacionar com o mundo. Neste livro, muitos desses temas são abordados a partir do espólio do poeta, cujas peças escolhidas são devidamente apresentadas com todas as regras de uma boa edição crítica, compondo um conjunto de lições de vida que, não nos salvando de nada, sempre ajudam a ver melhor o mundo. SFC



Menina a Caminho

Raduan Nassar
Companhia das Letras

Nova edição de um dos três livros de Raduan Nassar, este volume de contos inclui alguns textos que ainda estavam por publicar em Portugal. O conto que dá título ao livro marcou a estreia do escritor, na década de sessenta do século passado, abrindo caminho para uma obra curta mas absolutamente fundamental no panorama da língua portuguesa. Os contos de *Menina a Caminho* encontrarão eco nos posteriores *Lavoura Arcaica* e *Um Copo de Cólera*, constituindo uma porta de entrada privilegiada para o trabalho deste autor, galardoado com o Prémio Camões em 2016. SFC



Vislumbres da Índia

Octavio Paz
Relógio d'Água

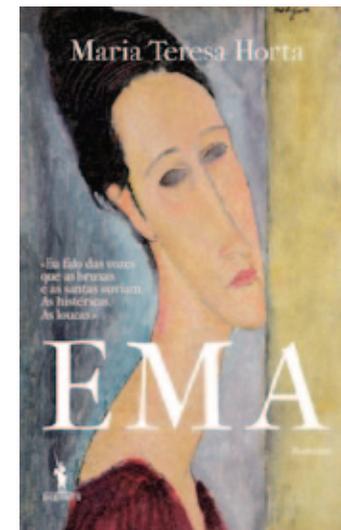
No início da década de sessenta, Octavio Paz estava na Índia, primeiro trabalhando como funcionário na Embaixada do México, depois cumprindo funções como embaixador. O resultado dessa vivência foi registado pelo escritor, transformando-se num livro que a Relógio d'Água agora inclui na sua colecção de Literatura de Viagens. Um excerto: «Sentei-me ao pé de uma grande árvore, estátua da noite, e tentei fazer um resumo do que tinha visto, ouvido, cheirado e sentido: enjojo, horror, espanto; assombro, alegria, entusiasmo, náuseas, invencível atração.» SFC



El Monarca de las Sombras

Javier Cercas
Random House

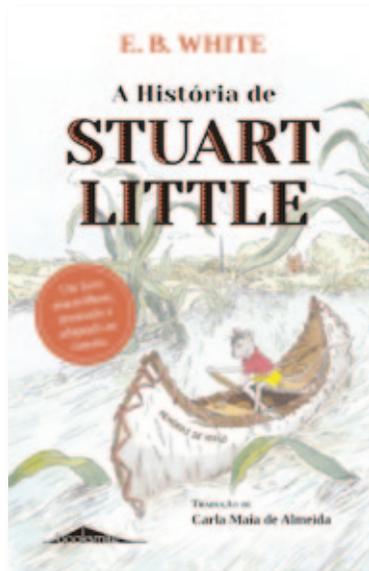
O último romance de Javier Cercas tem como personagem central um jovem falangista (tio-avô do autor) que morreu na Batalha do Ebro, uma das mais sangrentas da Guerra Civil de Espanha. A narrativa cruza o protagonismo de Manuel Mena, o falangista, e a pesquisa em torno do passado, colocando questões sobre o modo como nos relacionamos com a memória e até que ponto a sua herança nos marca. Deste romance disse Javier Cercas que talvez seja o desenlace de *Soldados de Salamina*, o romance com que o autor se firmou definitivamente no panorama da nova narrativa espanhola, em 2001. SFC



Ema

Maria Teresa Horta
Dom Quixote

Reedição do romance que Maria Teresa Horta publicou pela primeira vez em 1984. Ema é o nome de todas as mulheres de uma certa família e é no espaço familiar e doméstico que a narrativa se desenrola, baseada em episódios quotidianos, passados e presentes, mas sobretudo numa trama psicológica e no muito que se vai passando nos pensamentos da personagem. Entre o ódio e a paixão, alicerçados em gerações de repressão e imposições de género, uma vingança acaba por impor-se, procurando uma justiça que não é apenas presente e que não deixa, por isso, de ser trágica. SFC



A História de Stuart Little

E. B. White
Booksmile

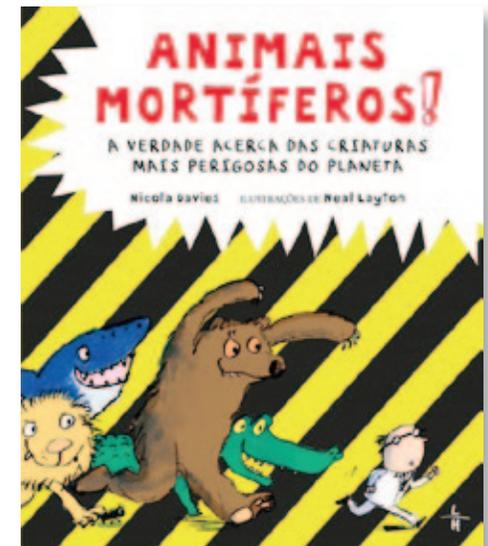
Do clássico literário aos filmes vai uma diferença grande. A história do rato filho da família Little não cede a explicações e o leitor nunca sabe como lá foi parar. A anormal normalidade é potenciada por comentários alheios de estranheza ou de naturalidade por parte dos elementos da família perante comportamentos inusitados. Cada breve capítulo relata um episódio da vida deste rato, que vive bem melhor na sua pele nas páginas desta narrativa. AB



A Terra de Ana

Jostein Gaarder
Presença

É o regresso do autor notabilizado por *O Mundo de Sofia* às livrarias portuguesas, desta feita com uma novela de pendor filosófico sobre as alterações climáticas. O estilo mantém-se atento aos detalhes descritivos e às oportunidades informativas enquanto acompanha Ana, uma adolescente de dezasseis anos entre um mundo futuro e a realidade do seu tempo. A sua angústia é refreada pelo psiquiatra que não lhe limita o pensamento nem o sonho. AB



Animais Mortíferos

Nicolas Davies e Neal Layton
Livros Horizonte

Um livro informativo sobre as armas que os animais têm para se defender e atacar as suas presas. Pleno de curiosidades que servem de mote para informações científicas, o texto recorre muitas vezes a ilustrações representativas e que apelam ao sentido de humor. Apesar de associar a violência animal ao terror, desmistifica o valor da dor ou da morte. No final, o índice e o glossário ajudam os mais novos a encontrar e perceber a informação. AB

BEYOND CONCRETE.
WWW.MARTMAGAZINE.NET

**mART: MACAU AND LISBON
ON THE SAME PAGE**

mART



Casa
Fernando
Pessoa

Quarto · *Room*
Sala Multimédia · *Multimedia Room*
Biblioteca · *Library* · Livraria · *Bookshop*
Restaurante · *Restaurant*



CASAFERNANDOPESSOA.PT

EGEAC



Rua Coelho da Rocha, 16
1250-088 Lisboa - Portugal



(+351) 213 913 270



10h - 18h

Segunda a Sábado · *Monday to Saturday*

Última entrada · *Last admission: 17h30*

Encerra · *Closed* 1 JAN · 1 MAI MAY · 25 DEZ DEC



10h - 23h

Encerra ao Domingo

Closed Sunday



25 · 28



Rato



709 · 713 · 720 · 738 · 774

puxar

● A viagem desenhada

o fim da

de António Jorge Gonçalves

vida

SARA
FIGUEIREDO
COSTA

O mais recente trabalho de António Jorge Gonçalves intitula-se *A Minha Casa Não Tem Dentro (Abysmo)* e é um livro onde a iminência da morte reclama a importância da memória, da desordem e do mistério com que nos vamos construindo à medida que o tempo passa. O gatilho autobiográfico é desvendado pelo autor numa página prévia,

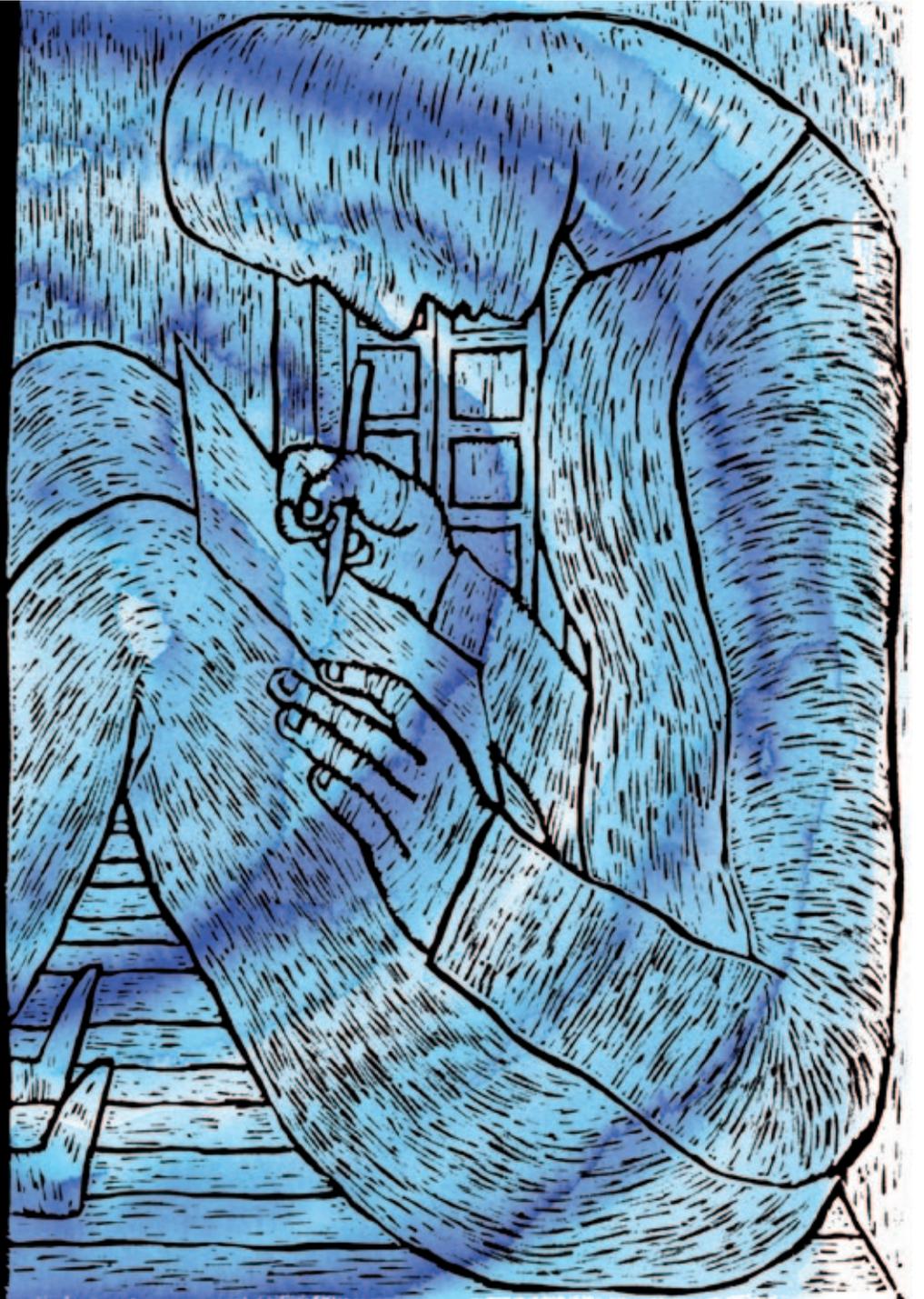
explicando-se ali que António Jorge Gonçalves teve um problema de saúde que o colocou entre a vida e a morte: «No dia 22 de fevereiro de 2016 – por causa de uma veia que rebentou no meu estômago – morri e regresssei à vida, num acontecimento que atravessou espaço e tempo separando e unindo em simultâneo. Descrevê-lo com desenhos faz parte dessa viagem.»

O livro não é uma descrição detalhada e realista desse momento ou um recordar aliviado do que passou para uso dos que nunca experimentaram tal situação. Será, antes, uma sucessão de reflexões, visões e memórias que transformam a matéria que lhe deu origem num ponto de fuga, ou talvez mais acertadamente numa linha que nunca se cortou e que manteve o autor sempre agarrado à vida.

À *Blimunda*, o autor de *A Minha Casa Não Tem Dentro* explicou como decidiu transformar um acidente com a sua saúde, momento supostamente privado e íntimo, num livro que todos poderiam ler. «Na realidade, desde que a minha filha nasceu que eu trago dentro uma sensação, uma necessidade de fazer um livro confessional/sacrificial – à falta de melhores palavras, embora não muito satisfeito com estas. Em dezembro de 2015 tive uma prostatite que me deitou abaixo e me trouxe, enigmaticamente para mim, na altura, a sensação clara de que tinha chegado a altura deste livro. Co-

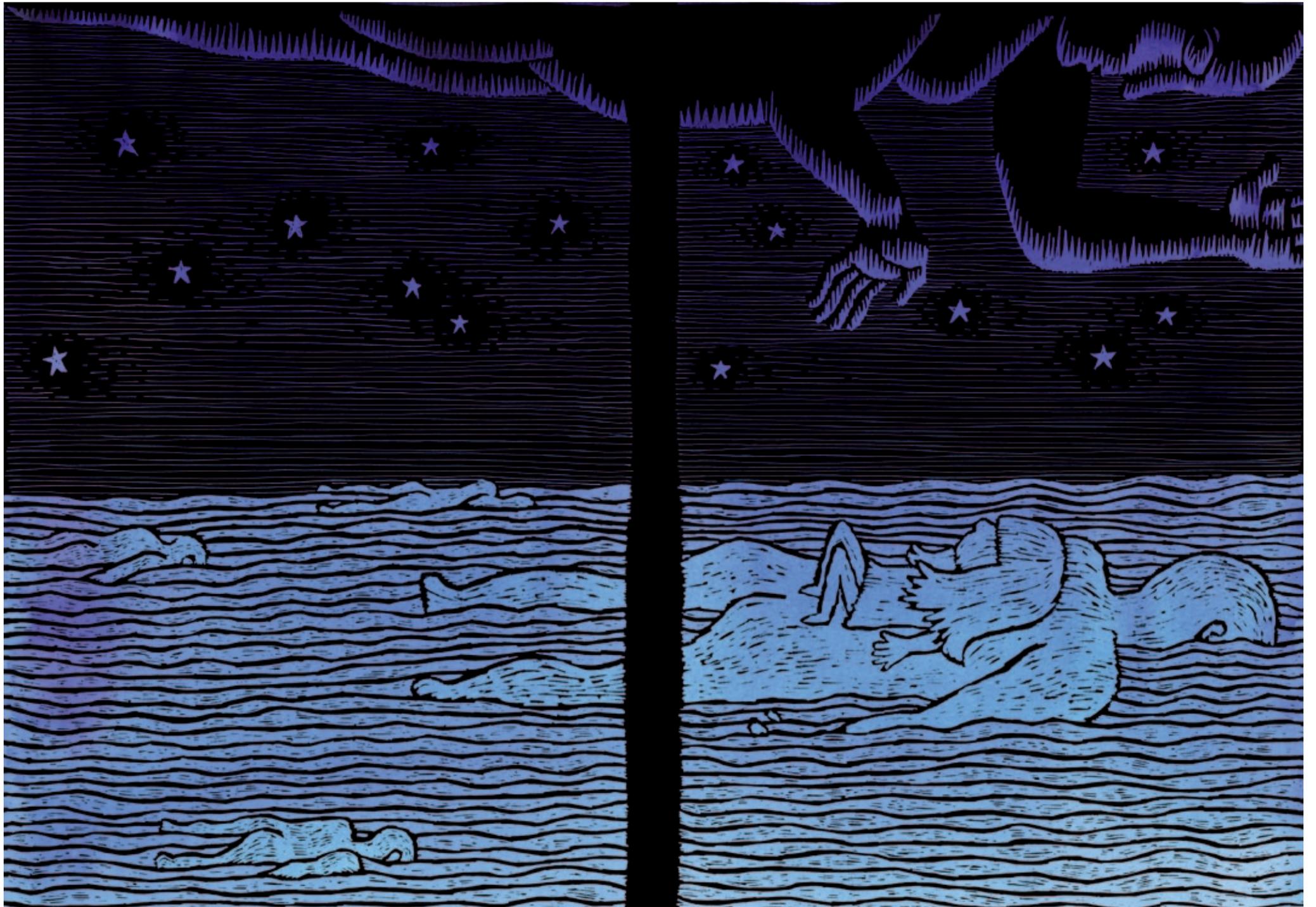
mecei a trabalhar nele e em janeiro a prostatite estava curada, mas o livro não tinha asas, apenas umas patinhas de réptil. Continuava a sentir a urgência de o fazer, mas tinha uma primeira versão nas mãos muito insossa. Em fevereiro fui parar às urgências [do Hospital] de São José e no primeiro dia que lá fiquei internado iluminou-se tudo na minha cabeça: era aquilo que faltava, era aquilo que eu tinha de passar para fazer o livro. Embora os médicos me digam que não há relação entre a prostatite e a lesão de Dieulafoy [a veia que rebentou no estômago], estou convicto que a prostatite e o tal chamamento que senti em dezembro foram para me colocar em posição, disponível para o que iria acontecer – tal como os pássaros sentem a tempestade à distância.»

É precisamente com uma referência ao papel do desenho na formação do narrador que este livro abre. Duas pranchas, de seis vinhetas cada, apresentam texto manuscrito sobre fundo branco, contando o modo como uma professora elogiou os seus desenhos na escola. Nas



duas pranchas seguintes, um homem e uma menina desenham sentados no chão, numa imagem dominada pelo azul. E nas duas que se seguem, uma ambulância do INEM entra em cena, com o vermelho a marcar, agora, o tom da cena. A partir daí, a menina assume o protagonismo, iniciando uma espécie de viagem que se oferece a muitas leituras. É uma viagem solitária, entrecortada por várias imagens que remetem para a memória – hipoteticamente, do narrador primeiro, dificilmente separável do autor, mesmo que queiramos cumprir todas as regras da boa exegese. Sempre com o azul e o vermelho a lembrarem o fluxo sanguíneo de um corpo, entre artérias e veias, o livro prossegue numa sucessão de composições onde o corpo humano e os instrumentos hospitalares que o ajudam a sobreviver assumem destaque, para além de fragmentos de memórias, por vezes quase reproduções de fotografias, mesmo que sem rosto, danças macabras e referências a outras descidas ao limbo entre a vida e a morte. Dante é aqui uma referência possível, entre o rio que se cruza

com a ajuda de Caronte, o caminho descendente para os círculos do sub-mundo e a revisitação constante do que o cérebro – ou o coração – guarda como essencial. Cruzar todas estas imagens e referências num trabalho que não deixa de ser sobre um episódio pessoal não foi, para António Jorge Gonçalves, algo que necessitasse de muita planificação prévia: «Foi tudo muito fácil. O livro mais fácil de fazer de todos os que já fiz. Nas três semanas em que estive no hospital tomei notas, daquilo que pensava, mas sobretudo daquilo que via. Que via? Que habitava? Estava muito por dentro de certas coisas, é difícil encontrar uma palavra justa para definir. Quando entrei em convalescença, só queria que chegasse o dia de me sentar à minha mesa com canetas e tintas e ter forças para desenhar aquilo tudo. Tinha imensas viagens de espetáculos marcadas para essa altura. Tive de desmarcar tudo. Tive o tempo para mim: para reganhar forças, para cuidar de mim, e todos os dias me sentava e desenhava e pintava. Sem ordem, sem plano, imagens que a início não eram sequências, mas que a certo mo-

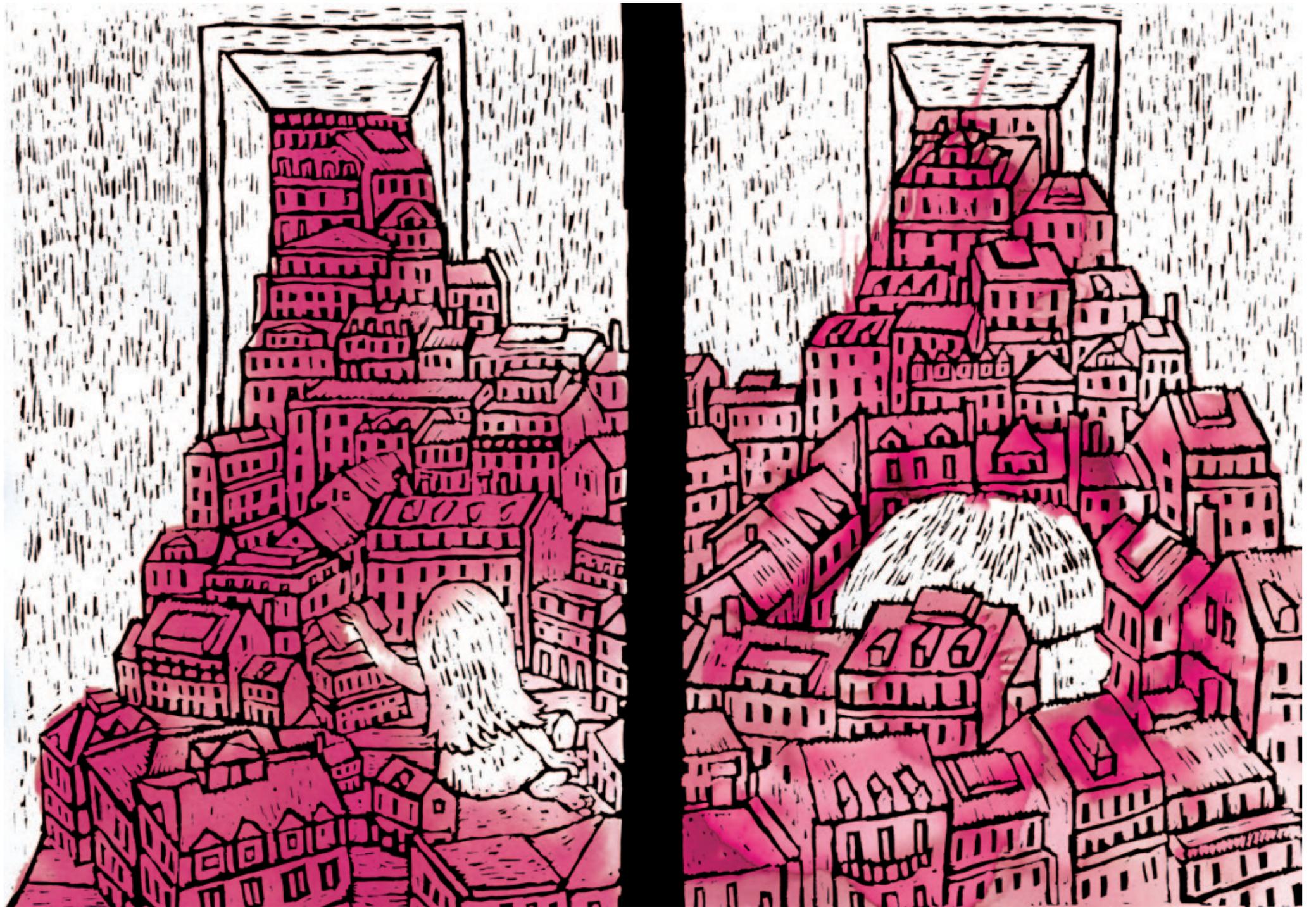


mento me indicaram ordens possíveis. Alguns desenhos eram o meu esforço para representar exatamente o que tinha visto, outros começaram por aí mas foram evoluindo para outras coisas como se o que eu tivesse visto fosse apenas a ponta de um iceberg. Mais para o fim, desenhei algumas imagens para completar sequências, pensando que poderia ser difícil para o leitor digerir saltos – temporais, de assunto – tão grandes entre as imagens. Já os textos, essas pequenas bandas desenhadas mudas que entrecortam as passagens, existem há muito tempo num pequeno caderno que escrevinho, chamado *I Went To* (inicialmente escrito em inglês – tinha acabado de regressar de Londres), onde construo pequenas narrativas de peripécias pessoais que têm uma reverberação qualquer. A versão inicial do livro, pré-hospital, tinha muito mais textos desses.»

Em várias entrevistas concedidas a propósito deste livro, António Jorge Gonçalves contou como o título *A Minha Casa Não Tem Dentro* lhe foi oferecido pelo escritor angolano Ondjaki, que lhe deu a ouvir uma

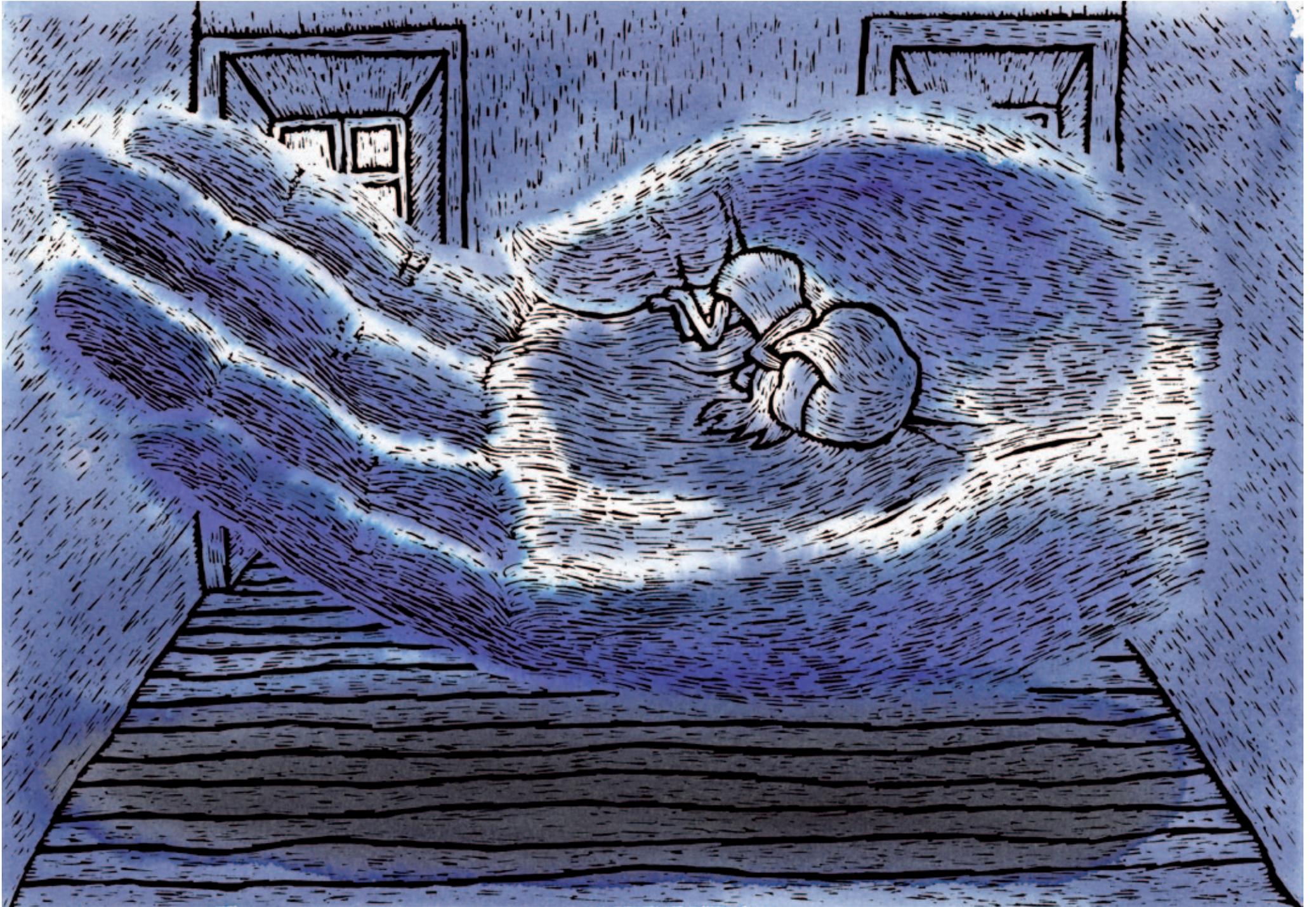
estiga – espécie de narrativa partilhada, quase numa desgarrada, entre dois interlocutores, normalmente crianças – que continha a frase. Nessa altura, o autor ainda não sabia que iria vivenciar um episódio de saúde como o que desencadeou este livro, e muito menos que este livro ia nascer, mas a vontade de utilizar a frase num título surgiu logo: «Quando ouvi a gravação da estiga dita pelo miúdo, “tua casa não tem lá dentro”, aquilo acertou-me no peito. Pensei: “sou eu”. Disse logo ao Ondjaki que havia de ser título de um livro meu. Faz parte. Faz parte do processo, por vezes misterioso, de onde vêm as coisas, de como elas nos chegam, de como as encontramos, para as juntar mais tarde e dar forma a um objeto que saia das nossas mãos.»

A figura da criança que surge logo no início de *A Minha Casa Não Tem Dentro* é um dos elementos cuja leitura se oferece a muitas interpretações, sem que nenhuma delas se destaque num livro onde a narrativa linear tem tanta importância como a sucessão de imagens aparentemente desordenadas, a torrente de pensamen-



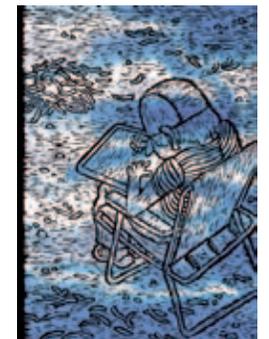
tos que podemos atribuir ao narrador do início do livro ou à criança, a certeza de que nem todos os momentos de uma vida (talvez mesmo quase nenhum) se apresentam arrumados e ordenados como numa história pronta a contar. Sobre a criança, diz António Jorge Gonçalves: «Quando aquela criança apareceu nos desenhos eu achei que era a minha filha, mais à frente achei que não, que era outra coisa. Mas não quero falar muito disso, para não trair os desenhos. Porque há de lá estar tudo nos desenhos, aquilo que quis contar. O texto de entrada está colado a esse desenho, ele é de uma memória marcante da construção da minha relação com o mundo, não só com o desenho.» Essa relação surge no livro como um eixo estruturante, uma linha que se inicia nas vinhetas de abertura, prosseguindo em referências frequentes ao longo da narrativa. Para o autor, o desenho é um gesto essencial na sua relação com o mundo: «Acho que não exagero muito se disser que eu e o desenho somos indissociáveis. O desenho salvou a minha infância e a minha adolescência, mobilou a minha solidão. E

ao mesmo tempo foi ele que construiu uma ponte para os outros. É um paradoxo: como é que um momento de tanta intimidade e reserva pode ser a mola para eu vir a pertencer aos outros?» De certo modo, é esse mesmo paradoxo que se assume plenamente neste *A Minha Casa Não Tem Dentro*, um gesto de entrega que nasce num momento limite e se transforma numa partilha generosa de memórias, respirações essenciais, fluxos de vida a vislumbrarem a sombra de Caronte e a remarem serenamente no sentido inverso. No fim, duas pranchas estruturalmente semelhantes às primeiras fecham o círculo da viagem, contando um episódio cuja repetição ilusoriamente *ad aeternum* atesta a continuidade da vida. O narrador conta que levou a filha ao jardim, que a filha brincou em vários espaços, que no dia seguinte quis repetir tudo outra vez. E nas linhas da caligrafia da penúltima vinheta, onde se lê «e eu fui com ela», adivinha-se o vazio da vinheta seguinte, como se já não houvesse motivo para desenhar, pelo menos neste contexto. Difícil não lembrar as Parcas, que com a sua



tesoura mitológica tinham o poder de cortar o fio da vida, mas que aqui apenas teriam conseguido contemplar os muitos fios que o gesto de desenhar foi puxando sem nunca se deixar interromper. Regressando ao desenho como pedra basilar, diz António Jorge Gonçalves: «O desenho já foi um pouco de tudo na minha vida: ostra, mapa, objeto de sedução, torturador, megafone, não chegam as palavras. Mas os desenhos do *Subway Life* foram um momento incrível, o de descobrir que queria desenhar no meio de pessoas, com elas. Foi isso que me catapultou para o palco, para os espetáculos de desenho digital, sem rede, improvisando um discurso desenhado que não é projetual (para os desenhadores quase sempre o processo de construção de um desenho é projetual: ideia-esboço-aperfeiçoamento-finalização). Um discurso coreográfico, da mão e do cérebro, um lugar para a emoção em tempo real. Um lugar onde não há tempo para dares um sentido ao que estás a fazer. E o diálogo com outros artistas, a dança que acontece quando trabalho com um músico, um bailarino, um

ator. Era uma dança que já tinha tido o seu esboço com o Nuno Artur Silva e o Rui Zink, mas que cresceu com a adrenalina do palco, de estares a fazer não só com os teus parceiros de palco, mas com todo o público. Quando estou no palco, em improviso absoluto, não são só as pessoas do público que vão tentando adivinhar que desenho os meus traços estão a construir; eu também estou a tentar adivinhar. Procuramos juntos. Isto é uma coisa com que eu nunca tinha sonhado quando comecei a desenhar, espinha curvada sobre o papel.» A mesma espinha curvada do homem que, no início deste livro, desenha sentado no chão a criança à sua frente, como se nesse gesto coubesse o mundo e todas as suas órbitas.



A black and white photograph of a man with a beard and glasses, smiling as he reads a book. He is wearing a dark sweater over a collared shirt. The background is blurred, suggesting an indoor setting with large windows.

Filipe Lopes: Fazer da poesia um instrumento

MANUELA

CC RI

Entrevista
por Ricardo Viel

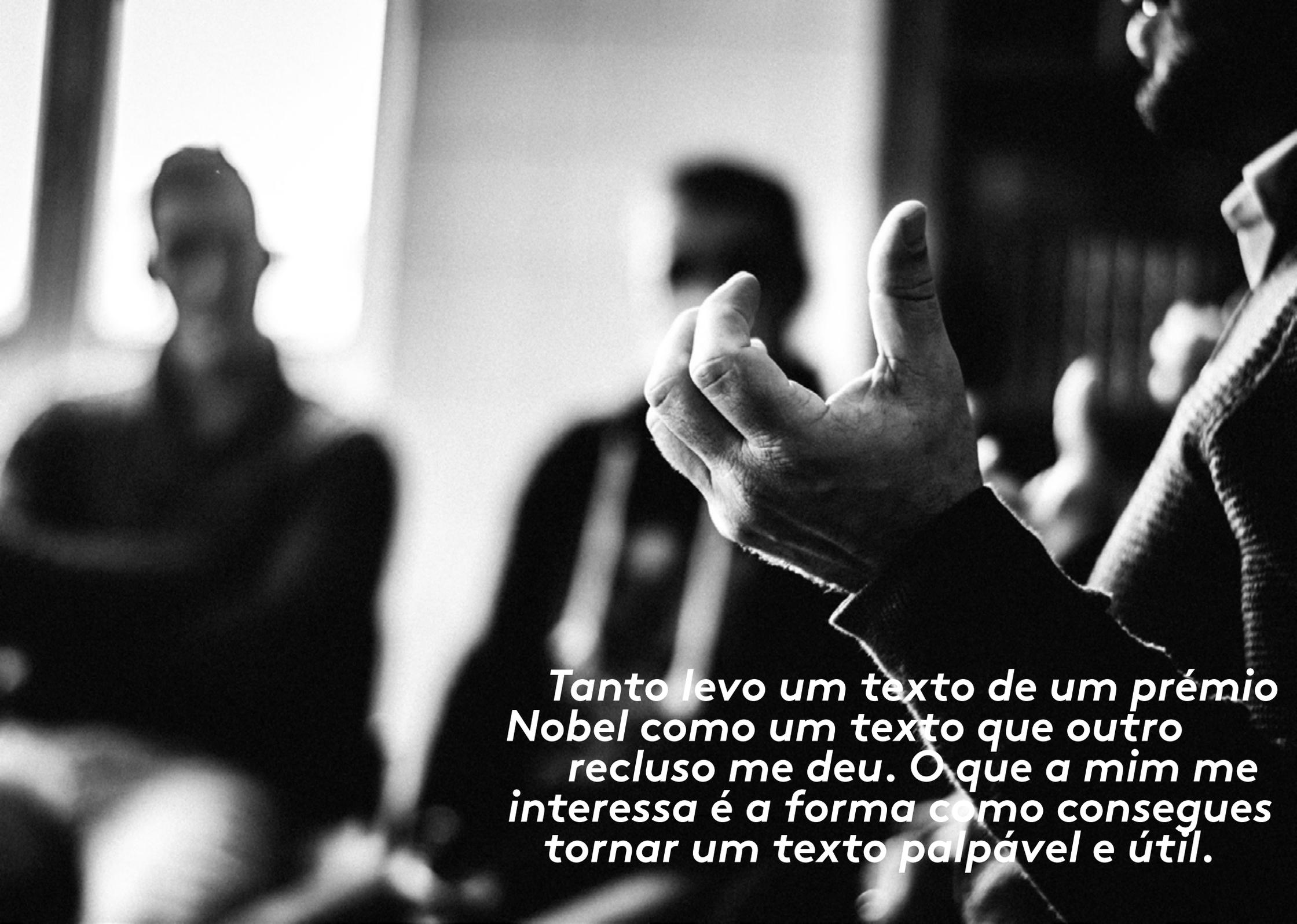
A primeira vez que Filipe Lopes entrou numa prisão aconteceu há quase quinze anos. Convidado para ler um texto do concurso de contos das instituições prisionais de Portugal, saiu da cadeia de Sintra convencido de que queria trabalhar com aquelas pessoas. Descobriu que existia um protocolo entre as entidades públicas para que atividades ligadas à literatura fossem desenvolvidas com a população prisional. E assim nasceu o projeto «A poesia não tem grades», que já visitou dezenas destes estabelecimentos em Portugal (continental e insular), e que em breve deverá expandir-se para além das fronteiras do país.

«O meu objetivo é dar caminhos e pistas às pessoas para que elas possam aumentar a sua autoestima e, de acordo com o que elas entendam que é o melhor para elas, ajudá-las a serem pessoas melhores, decidam elas o que isso signifique. Não as julgo, porque já foram julgadas por um juiz, à luz da lei foram considerados culpados, mas as escolhas continuam a ser uma coisa que elas são livres para fazer, simplesmente têm as suas consequências», explica o promotor de leitura que também já desenvolveu trabalhos em hospitais e com jovens com risco de exclusão. Filipe

Lopes parte de um princípio básico: quanto mais uma pessoa lê mais preparada ela está para tomar decisões durante a vida. Uma visão «utilitária» da literatura, destaca. «Só consigo ver a promoção do livro e da leitura dentro dessa perspetiva. Para mim a literatura deve servir para fazer as pessoas melhores.»

Tenta inculcar na cabeça dos presos que a literatura pode ajudá-los no dia a dia. «Às vezes precisamos de ser muito práticos. Faço o desafio aos reclusos de lerem os textos uns para os outros, e algum deles diz: Para quê? O que vou ganhar com isto? O que digo é que o facto de lerem em voz alta pode ser útil, por exemplo, para quando estiverem frente a frente com o juiz que vai decidir se vão sair dali mais cedo ou mais tarde, a forma como olham ou não para ele, se sabem ou não utilizar as palavras mais corretas, e a forma como as dizem. Tudo isto se pode trabalhar com a leitura de um poema. Às vezes tens que tocar as pessoas através dessas coisas muito concretas», aponta.

O mais procurado pelos reclusos que frequentam as oficinas literárias são poemas de amor, conta. «Das coisas que mais se leem dentro da prisão são sobretudo livros de



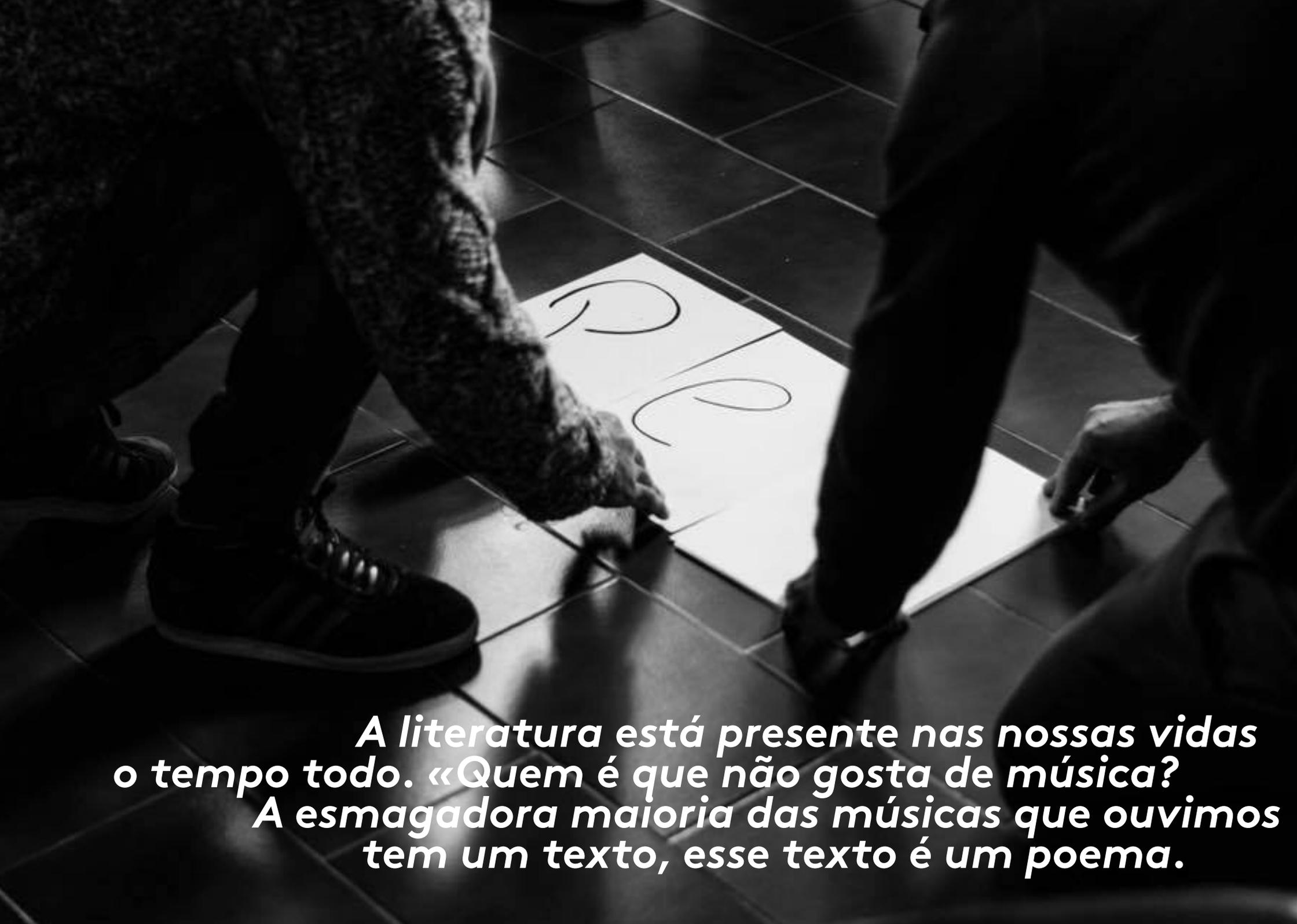
Tanto levo um texto de um prémio Nobel como um texto que outro recluso me deu. O que a mim me interessa é a forma como consegues tornar um texto palpável e útil.

poesia de amor. Muitos deles estão ali à espera de poderem apanhar alguns poemas que sejam interessantes para copiar e mandar nas suas cartas. Eu fico encantado da vida que seja assim. Isso é muito interessante, porque às vezes descobres um determinado escritor por um texto que às vezes pode ser mais comum, mais *mainstream* digamos assim, mas que pode levá-los a que tenham vontade de descobrir os outros.»

O método de trabalho nos estabelecimentos prisionais varia muito, não só dependendo da idade e género do público, mas também do momento. Filipe Lopes costuma dizer que cada sessão é diferente, e que por isso não leva um guião fechado. Tem na manga dois ou três textos para cada assunto que pensa tratar, mas está aberto ao imprevisível. «Tanto levo um texto de um prémio Nobel como um texto que outro recluso me deu. O que a mim me interessa é a forma como consegues tornar um texto palpável e útil.» Conta que numa sessão na prisão de Ponta Delgada, a leitura de um poema levou os presos a falarem sobre o ato de chorar. Deixou de lado os textos que tinha trazido para que, durante duas horas, estivessem a conversar sobre como

fazem para chorar dentro da prisão. «Para mim, a coragem deles é uma coisa extraordinária. Porque se há um sítio onde tens que manter um certa posição de virilidade é na prisão. E eles aceitam trabalhar poesia num contexto com aquele.»

São muitas as histórias que guarda destes anos de trabalho com reclusos. Uma delas: no final de uma sessão um preso aproximou-se para contar-lhe que dias antes havia saído «em precária» (benefício que um preso tem para visitar a família). Ao chegar ao bairro, viu na rua onde costumava parar as mesmas pessoas de sempre, estacionadas no mesmo sítio como há anos costumavam fazer. Em casa, teve que pedir aos familiares para que abandonassem os computadores, tablets e telemóveis para conversarem entre eles. Contou isso tudo e perguntou ao formador: «E eu é que estou preso?». Filipe gosta de recordar essa história e relembra-a com euforia: «Esta reflexão é fantástica!? Ele chegou lá, chegou lá sozinho! Ele percebeu isso. Quantas pessoas é que conseguem fazer essa reflexão? Ele consegue, ele consegue porque ele chegou ao fundo e agarrou-se a alguma coisa.» Essa coisa é a literatura, esse recluso é um



***A literatura está presente nas nossas vidas
o tempo todo. «Quem é que não gosta de música?
A esmagadora maioria das músicas que ouvimos
tem um texto, esse texto é um poema.***

dos mais interessados nas oficinas que Filipe faz, é assíduo frequentador da biblioteca da prisão, onde lê e arrisca a escrita de uns versos.

A confiança que Felipe Lopes tem na literatura como ferramenta de mudança vem da infância e adolescência, quando os livros foram companhia e ajudaram a tomar decisões. Há em especial uns versos, de autoria de Baudelaire, que lhe serviram de guia. «É um poema que diz que deves andar sempre embriagado com vinho, com a poesia ou com a virtude à tua escolha. E, num momento em que a tua vida está tão cheia da possibilidade de experimentares tudo aquilo que a palavra vinho pode querer dizer, ajudou-me a apontar para uma determinada linha e ajudou-me também, muito claramente, a não ir com alguns amigos meus por caminhos mais complicados e que tinham uma certa dose de irreversibilidade. E a dedicar-me mais à leitura e aos livros.»

Um dos métodos que o formador usa para ultrapassar a eventual resistência dos detidos em relação à poesia é o de demonstrar que a literatura está presente nas nossas vidas o tempo todo. «Quem é que não gosta de música? A esmagadora maioria das músicas que ouvimos tem um

texto, esse texto é um poema. Dizer-lhes isso, às vezes, é o suficiente para desmistificar a questão», conta.

Vê o seu trabalho como um complemento às aulas de português que são dadas nas cadeias, mas procura um outro enfoque. Deixa de lado aquilo que chama de «autópsia» do poema, a parte mais técnica e teórica, porque essa não lhe vê a alma. «Quando vou para uma sessão não vou ensinar nada, não vou dizer o que um texto significa, o que eu quero é que eles sintam. Muitas vezes a escola não dá tempo para os alunos sentirem, nem os deixa livres para opinarem sem que alguém diga que a resposta deles não está correta porque não é o que o manual diz.»

Entre os planos de Filipe Lopes está o de estabelecer vínculos com entidades culturais – fundações, grupos de teatros, orquestras filarmónicas, etc – para que os reclusos fiquem a conhecer a existência desses espaços e o trabalho que desenvolvem. E para que, no futuro, quando recuperarem a liberdade, tenham a opção de os frequentarem ou, quem sabe, de ali conseguirem um trabalho.

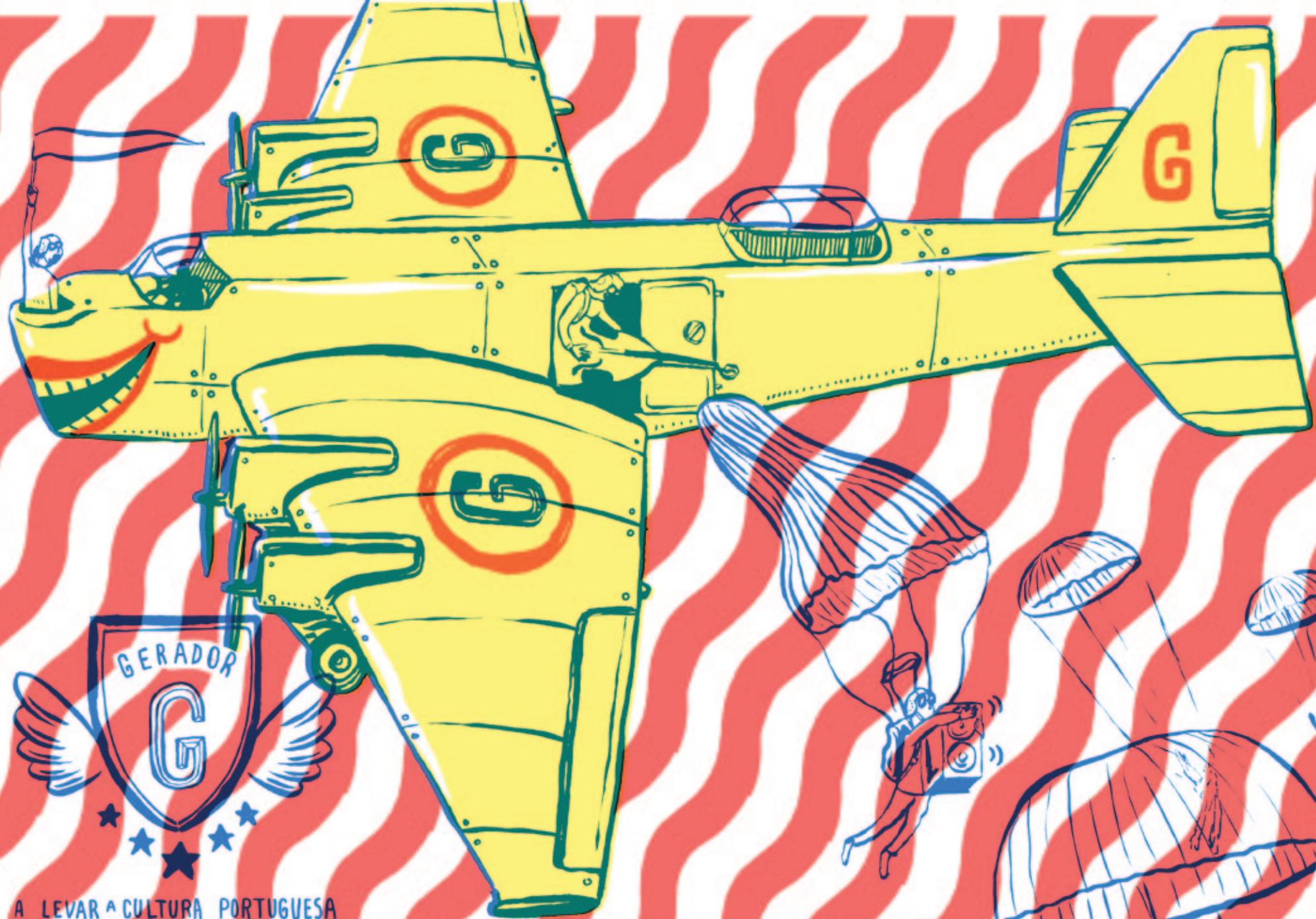
Fotografias de Vitorino Coragem

O LAGARTO

Um livro que une as palavras de **JOSÉ SARAMAGO**
e as xilogravuras de **J. BORGES**

Uma nova leitura
da crónica com
o mesmo título
escrita por
JOSÉ SARAMAGO
em 1972.





A LEVAR A CULTURA PORTUGUESA

✈ A TODO O LADO ✈

O Gerador é uma plataforma de ação
e comunicação para a cultura portuguesa

DESCOBRÉ-NOS EM GERADOR.EU

**e nascem
três bi-
bliote-
cas ilustra-
das**

**do
cu-
bo**

ANDREIA
BRITES

Camões, Coruchéus e Orlando Ribeiro são as três bibliotecas da rede Blx que receberam uma intervenção a propósito de Lisboa – Capital Ibero-americana da Cultura. Três pares de

ilustradores criaram imaginários e narrativas pelos espaços, seguindo propostas temáticas distintas. 3 ao Cubo mostra imaginários em que se encontram culturas a quatro mãos.

A botânica invadiu os Coruchéus

São cinco da tarde de sábado. Em redor da biblioteca dos Coruchéus as árvores reduzem a força da chuva. Lá dentro espera-nos uma botânica imaginária que nasceu nas paredes do edifício. Assim que entramos, uma planta serve de guia para cada espaço. Nas suas folhas leem-se termos em latim, seguindo as boas práticas da ciência.

Começamos o percurso pela galeria dos esboços. Ali há pessoas a ler, a estudar e a trabalhar. Tentamos não incomodar o silêncio com os nossos passos. Nas paredes estão penduradas as ilustrações que foram dando vida à ideia original desta exposição: flores e plantas de todo o tipo, umas que sobem e outras que descem, umas luminosas e outras microscópicas, umas organizadas num sistema estelar. Contornos das figuras, lápis de cor, tintas. Estarão todas estas espécies efectivamente disseminadas pelos dois andares da biblioteca?

A escala altera-nos a perspectiva assim que saímos para o corredor. Já não alcançamos a totalidade das plantas que vão do chão ao tecto. As cores vibrantes que as preenchem

sem deixar vestígio do traçado prévio impõem-se e nós, que as vamos ver, resignamo-nos a entrar no seu espaço e a sermos por elas arrebatados. Como numa estufa ou numa floresta. Só quando subimos alguns degraus em direcção ao andar superior reconhecemos com clareza flores, caules e folhas que já havíamos visto em folhas A3 na primeira sala.

Na sala de leitura do primeiro andar as plantas nascem junto às janelas e trepam pelas paredes até à mezzanine, contrastando com aquelas que descem junto às escadas. Há-as com várias formas, umas mais delicadas, outras mais robustas; impera o verde e o vermelho. A curiosidade leva-nos a espreitar entre o chão e a parede, para ver melhor as plantas. Os utilizadores que ocupam as mesas da mezzanine levantam os olhos para se inteirarem dos nossos movimentos. Rapidamente regressam ao objecto de leitura. Para vermos as plantas luminosas e as plantas centauro é preciso abrir duas portas na sala dos computadores. Numa primeira tentativa, a resistência das portas de madeira quase nos faz desistir mas a curiosidade acaba por vencer e deparamo-nos com uma varanda onde emergem braços, bicos, olhos, de vasos de tijolo com plantas verda-

deiras que foram, como o próprio nome indica, alvo de uma metamorfose.

Voltamos a descer e seguimos o som das crianças que brincam com livros e outros jogos na sala infantil. Ali, na sala do conto que se encontra fechada com uma cortina, estarão as plantas microscópicas. A hora de encerramento da biblioteca aproxima-se e os pais alertam os mais pequenos para a necessidade de arrumar. Mas ainda há tempo para uma menina se colocar em cima da escala que no chão logo vai avisando para a diminuição de tamanho de quem a pisar, e que espreita por entre as pequenas cortinas pretas.

Na génese, três ideias

Neste percurso há mais duas bibliotecas para visitar, ou não se chamasse esta exposição três ao cubo. Idealizada por André Letria a convite da chefe de divisão de bibliotecas de Lisboa, Susana Silvestre, nasce no âmbito da Capital Ibero-americana da Cultura, que este ano se assinala em Lisboa.

A proposta que o comissário recebeu foi a de realizar uma exposição em três bibliotecas previamente escolhidas pela autarquia que mostrasse alguma obra de ilustradores portugueses e ibero-americanos. «Eu achei que fazia sentido fazer uma coisa mais arrojada. Aquilo que aconteceu a seguir foi olhar para as bibliotecas e usá-las como inspiração para a escolha de temas. Decidi então que havendo três bibliotecas, cada uma delas ficaria com uma dupla. Esta foi a ordem: primeiro a escolha dos temas, depois a escolha dos ilustradores portugueses e finalmente a escolha dos ilustradores estrangeiros.», explica André Letria.

Numa primeira visita a cada uma das bibliotecas, o ilustrador e editor da Pato Lógico procurou elementos que se destacassem e simultaneamente pudessem servir de ponto de encontro cultural. A envolvimento mais natural da Biblioteca dos Coruchéus, rodeada de árvores e relva, deu o mote para o tema da botânica. À do Camões couberam os transeuntes, ideia que resultou da observação da constante circulação de pessoas na zona do Calhariz que foi e continua a ser lugar de atracção e passagem. Finalmente, para a

Biblioteca Orlando Ribeiro, André elegeu a geografia, em relação directa com aquele que dá nome ao espaço.

Depois de escolhidos os temas, avaliaram-se os espaços. Era preciso saber onde os ilustradores poderiam intervir, que áreas estavam disponíveis, condicionadas ou vedadas, quais as restrições arquitectónicas e de funcionamento. Recolheram-se imagens, mapearam-se as salas, mediram-se paredes. A intenção do curador era ter já definidos os locais a utilizar quando apresentasse a proposta aos ilustradores, o que aconteceu em seguida.

Os ilustradores encontram-se

O critério foi simples: cada ilustrador foi escolhido de acordo com o tema e a relação com a sua obra, não especificamente do ponto de vista da representação mas sobretudo da abordagem conceptual e plástica. Assim se chegou aos nomes dos três ilustradores portugueses: Catarina Sobral para os Coruchéus, Maria Remédio para a Camões e André da Loba para a Orlando Ribeiro. “Do que conhecíamos do trabalho dele, achámos que podia funcionar

bem como linguagem associada à descrição de coisas geográficas, mapas, cartografia. Ele tem muitos objectos tridimensionais, muitos étnicos. Isso podia funcionar bem com aquela abrangência, para o tipo de abordagem que queríamos para o tema.” Foi então em conjunto que se decidiu quem faria dupla com cada um dos três. André Letria tinha algumas ideias mas era fundamental que os portugueses se sentissem à vontade com a escolha. Catarina Sobral conhecia superficialmente a brasileira Mariana Zanetti mas, mais importante do que isso foi o facto de se identificar com o seu trabalho. Já Maria Remédio não conhecia a catalã Martina Manyà mas encontrou diversos pontos de contacto com a sua obra. André da Loba viu o chileno Cristóbal Schmal como parceiro imediato, tendo em conta a experiência de ambos ao nível da arte urbana. O objectivo do curador era apresentar uma intervenção conjunta, e não uma mostra de dois ilustradores em cada biblioteca. “Sugerimos que não se pressentisse a diferença entre quem ilustra. A ideia era que isto fosse um trabalho a quatro mãos. E não se consegue de facto perceber quem fez o quê. Por exemplo, o André [da Loba] estava a pintar um boneco e

Biblioteca dos Coruchéus





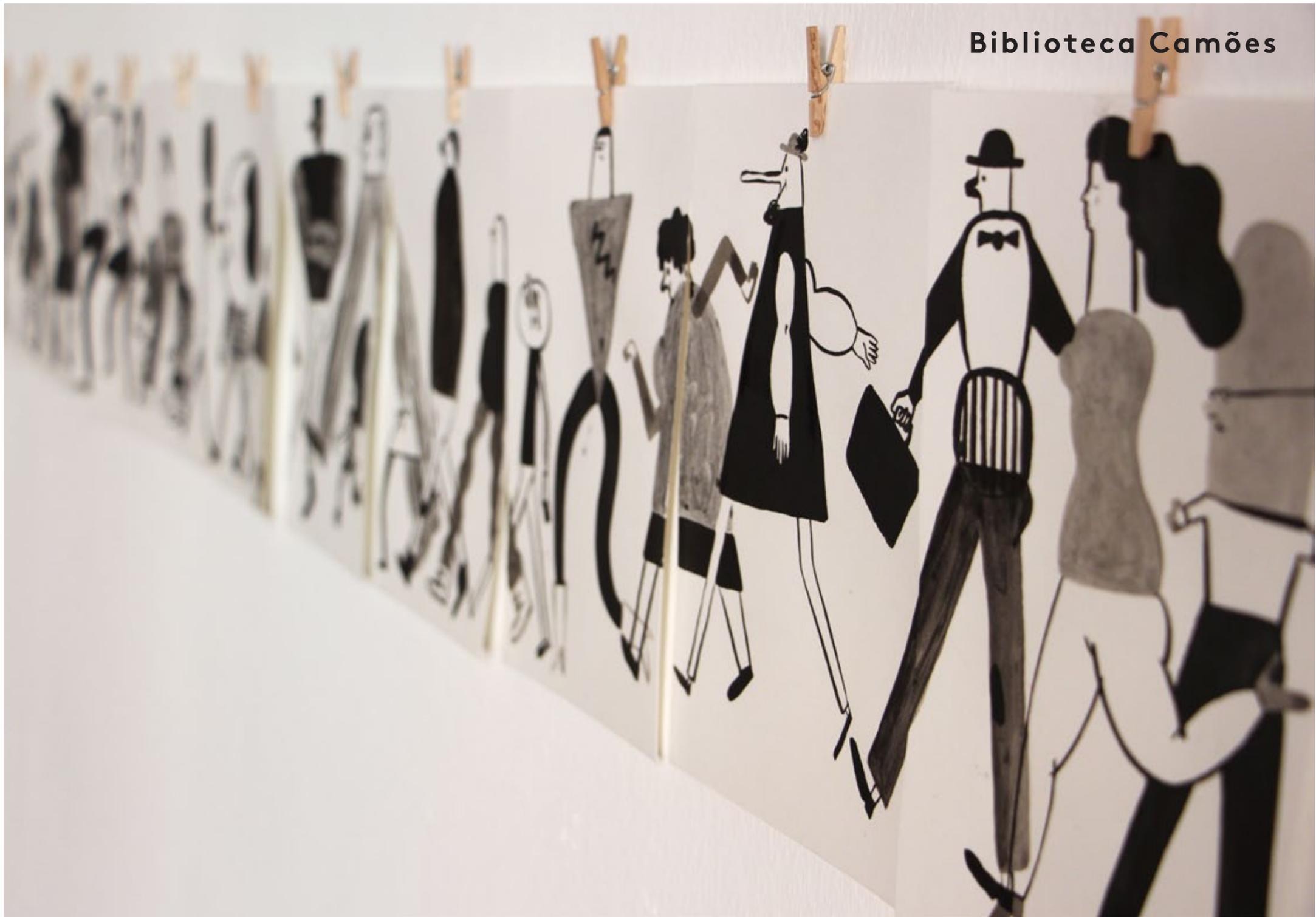
Biblioteca dos Coruchéus



Biblioteca dos Coruchéus

Biblioteca dos Coruchéus



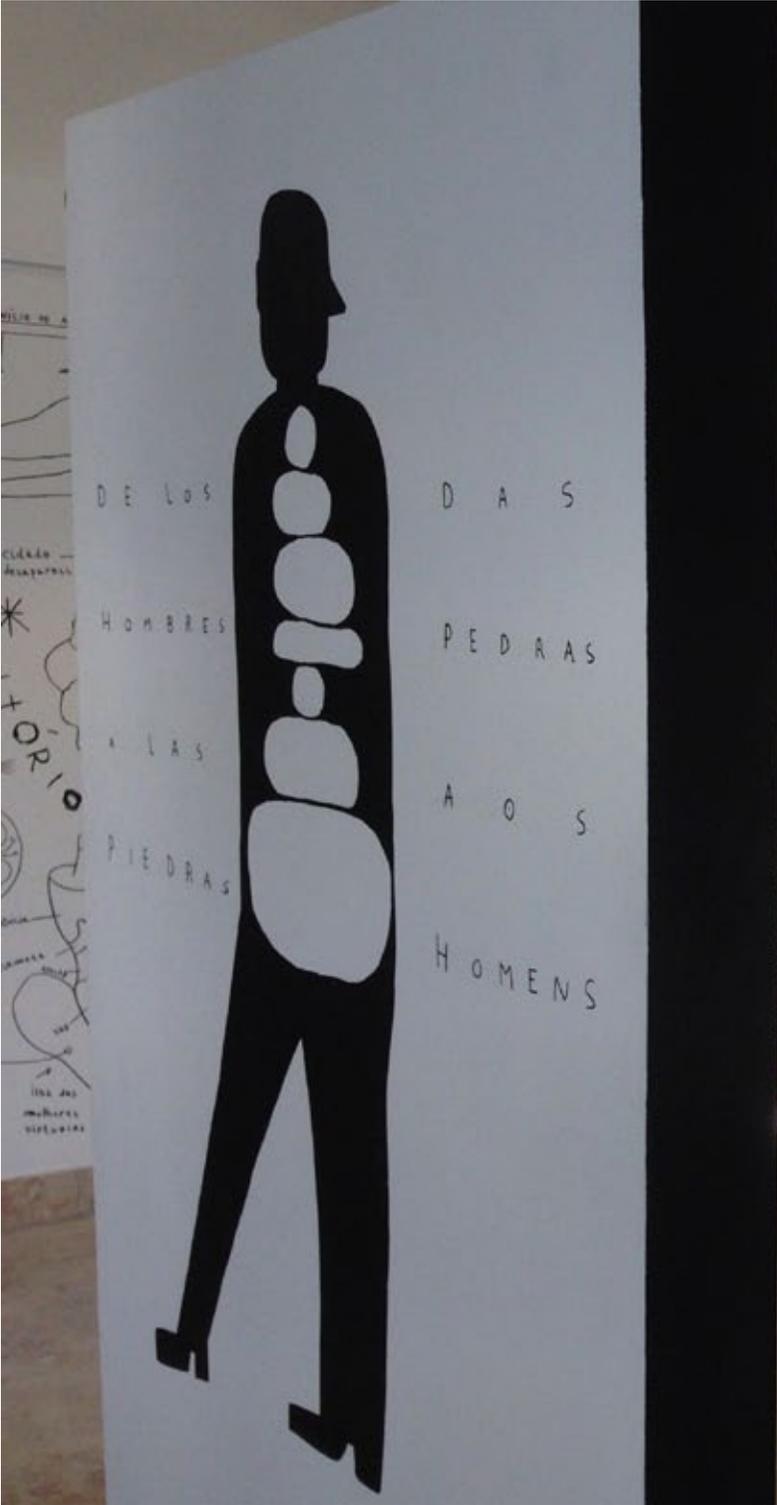


Biblioteca Camões









PLANÍCIE DE AFECTOS

NO RECUERDO

Biblioteca Orlando Ribeiro

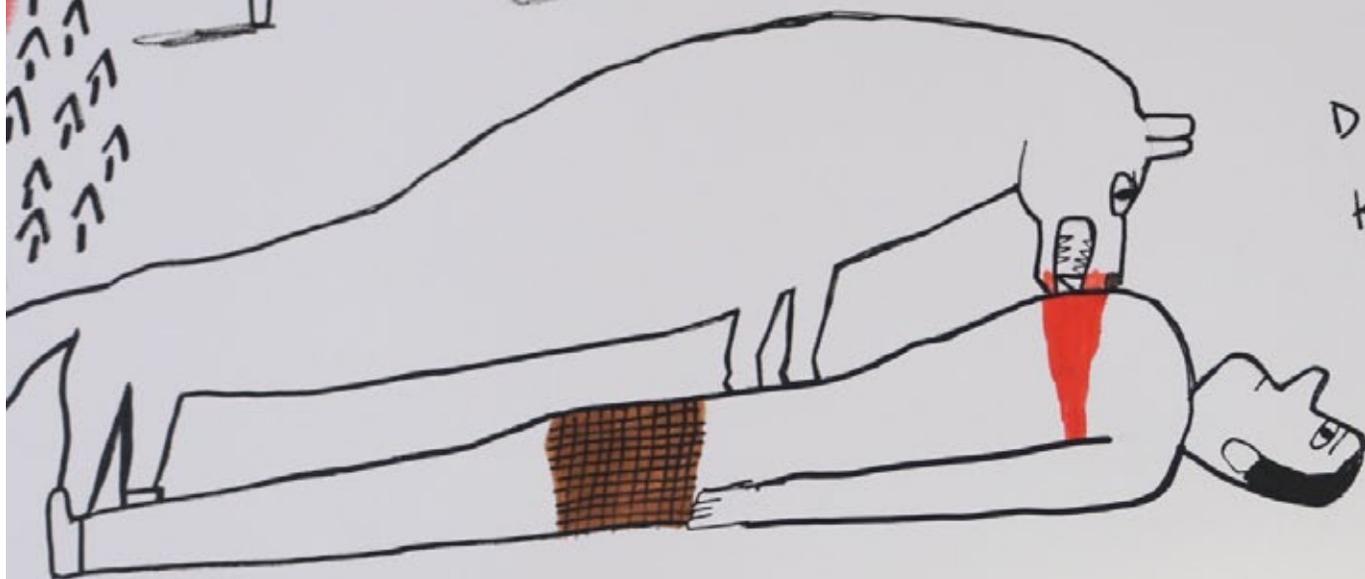
EL MOMENTO

PERO SI EL LUGAR

FUE EN EL

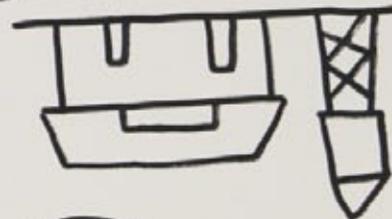
DESIERTO

KM 1.854



← cidade desaparecida,

seios de samá



Biblioteca Orlando Ribeiro





lembrava-se de outra coisa e ia-se embora. Vinha o Cristóbal [Schmal] e completava o boneco do André. Era isso que estava combinado entre eles e era o que nós queríamos: que houvesse esta partilha. Na Orlando Ribeiro há dois murais e num deles a ideia é de um e a realização é do outro.”

Work in Progress

Tudo foi previamente discutido e apresentado em maquetes, para evitar derrapagens de orçamento e tempo. Os ilustradores estavam na posse do espaço e do tema e foram cruzando propostas com o curador. A partir daí, e tendo como pano de fundo o encontro de culturas, cada par trabalhou livremente. Os métodos de trabalho foram diversos e também isso se presente nas exposições. Apesar de todas terem paredes intervencionadas, a Biblioteca Camões é aquela cujo programa é mais organizado e explícito, incluindo até ilustrações de cada uma das artistas, devidamente identificadas. Já na Orlando Ribeiro, a galeria onde deveriam constar os esboços está ocupada

em todas as paredes, do chão ao tecto, por uma narrativa cosmogónica impressionante. É aliás a única biblioteca onde não se podem ver os estudos para o trabalho final. No entanto, tendo em conta a abordagem ao tema das geografias e o mapeamento dos próprios espaços, desde os murais da galeria até ao mural da sala infantojuvenil, passando pela escada e a derivação do vulcão no topo, os esboços não fazem tanta falta. Já no caso dos Coruchéus e da Camões, a possibilidade de ver as plantas e as figuras humanas desenvolverem-se, destacando-se umas, desaparecendo outras, ganhando cor e dimensão, seja ela maior, como na Botânica Imaginária ou menor, como em Transeuntes como nós, aclara o sentido dos temas e da sua concretização final. Tempo e espaço foram os principais agentes condicionadores do trabalho das duplas. André da Loba e Cristóbal Schmal estiveram juntos fisicamente apenas uma semana antes da inauguração e mudaram-se para a Biblioteca Orlando Ribeiro onde pintaram directamente as paredes. Para além disso, André da Loba tratou dos materiais para os objectos tridimensionais e transpor-

tou-os para o espaço. Já Catarina Sobral criou quase tudo num armazém alugado junto à Pato Lógico, contando com a ajuda dos elementos da editora para aspectos de produção. “Fui eu e a Catarina ao Aki comprar materiais porque havia alguma incerteza acerca de quais seriam melhores para determinadas peças.” recorda André Letria. Mariana chegou cerca de duas semanas antes, mas tinha estado em Lisboa no início do projeto numa ponte aérea entre Berlim, onde vive, e São Paulo. Isso permitiu que conhecesse fisicamente os espaços e que pudesse logo conversar com Catarina. Martina Manyà vivera em Lisboa o que lhe dava uma perspetiva muito mais familiar. Veio uma ou duas vezes durante o desenvolvimento da ideia e da ilustração e depois chegou cedo, para poderem trabalhar com tempo na Camões, onde asseguraram tudo. Na fase final, a da pintura das paredes, os ilustradores contaram com a preciosa ajuda de voluntários. Um grupo de estudantes de ilustração da AR.CO ajudou. Sob a orientação dos profissionais, os alunos foram pintando formas já desenhadas e alguns, que puderam trabalhar com os três pares, mostraram-se muito satisfeitos no final, por terem

tido a oportunidade de assistir e participar em processos tão distintos.

Et voilà!

Cada biblioteca tem uma identidade e uma dinâmica própria, sendo condicionada pelo espaço, pelo tipo de público e, obviamente pelas rotinas semanais e de fim de semana. Das três é a Camões aquela que logo se afigura mais confusa, basta entrar para o perceber. A configuração das salas e a sobrelotação do espaço cria uma sensação de caos. Por outro lado, arrebatava qualquer utilizador com a vista que proporciona sobre o Tejo. Para a exposição, dedicada às pessoas, foram destinadas três salas vazias, outras duas de leitura, uma infantil e outra de adultos e ainda dois corredores. Maria Remédio e Martina Manyà perspectivaram a ideia dos outros a partir do tempo, que é universal. O tempo humano, do desenvolvimento e da experiência. Por isso, a sala pintada acompanha as fases da infância, adolescência, idade adulta e velhice ao longo das paredes. Depois descobriremos essas figuras numa espécie de bulício de

movimento, entre outras que não mereceram lugar de destaque. Se há algo que marque esta exposição é por um lado a pequena dimensão das pessoas, excepto na fase da infância, e por outro uma permanente sensação de movimento. Os diapositivos reclamam ainda mais essa ideia de trânsito. Como se o tempo da vida e o tempo do caminho tivessem uma equivalência, e se a diminuta dimensão das figuras as tornasse parte de um todo muito maior. O contraste com a intervenção na Orlando Ribeiro é enorme. A escala de André da Loba e Cristóbal Schmal é outra. Toda a galeria é um mundo de elementos que se conjugam em referências geográficas imaginárias que remetem para o diálogo entre os dois autores. Extravaza uma narrativa fantástica sem ordem definida, que se constrói à medida que nos detemos em cada elemento e rapidamente nos lançamos na observação de outro e mais outro. A natureza eclode na sua força primitiva tanto quanto o homem, nas suas metamorfoses. Há morte, esquecimento, rito. E aviões, deuses, mapas delineados em corpos, labirintos. Naquelas quatro paredes mora uma história do mundo. Depois do desfiladeiro do vulcão e da ala dos muertos outro momento de espanto:

Atlas, o Gigante repousa na parede de uma das salas infantojuvenis. A técnica Rute Teixeira partilha com a *Blimunda* o estranhamento das crianças. “Quando olham, pensam que o homem é o mar, porque é azul. Só depois distinguem um homem deitado e quando reparam nos nomes e nas linhas que vão de uns para os outros identificam o mapa.” A reacção tem sido excelente, não apenas pelo espanto das crianças mas também pela perfeita integração do mural nas actividades diversas que ali se realizam com grupos infantis.

As palavras são parte integrante desta geografia: indicações, nomes ou frases que se conjugam em português e espanhol como língua contígua. Apesar de as reconhecermos e até sustentarem cenas ou lugares, a verdade é que nunca ultrapassam a fronteira da criação para a comunicação. Ao invés, contribuem para uma poética da imagem. O ilustrador André da Loba justifica a sua necessidade: “As frases servem de referências geográficas e temporais. Temos português, latim, espanhol e quechua. Foi um trabalho que começou com muitas palavras e acabou em silêncio, nas vinhetas das pedras, no vulcão ou no homem-mapa.”

O que se segue

O projecto de curadoria de André Letria, co-produzido pela Pato Lógico não fica por aqui. Assim, foram convidados dois agrupamentos de escolas – Passos Manuel e Francisco Arruda – para que os seus alunos, de acordo com a escolha interna dos professores, concebessem uma exposição com base nos mesmos temas. Para isso, André reuniu com os directores dos agrupamentos e fez com eles uma visita às exposições. A sua intenção é a de que a intervenção nos espaços seja fonte de inspiração para a criação de obras que possam extravasar o modelo tradicional de desenho ou pintura em folha ou tela. Inclusivamente o curador considera que seria muito interessante que os alunos ocupassem espaços ainda vazios nas bibliotecas, complementando a criação dos ilustradores profissionais. Neste momento há algumas incógnitas acerca da concretização desta experiência na medida em que as escolas, embora tenham acolhido a ideia com muito entusiasmo, ainda não deram resposta sobre o estado em que se encontra o projeto em cada uma delas. Apesar desta etapa poder decorrer no próximo ano

lectivo, André Letria gostava que acontecesse ainda este ano, depois das férias da Páscoa, ainda no âmbito da Capital Ibero-americana da Cultura. Espera poder inaugurar cada uma delas com a presença do ilustrador português respectivo e assim estabelecer um contacto entre estudantes e artistas. Posteriormente, e contando com o envolvimento de outras escolas no futuro, a Pato Lógico põe a hipótese de editar um livro a partir das exposições dos alunos. “Ideias não faltam. E era giro aproveitar isto para envolver a comunidade e as escolas.”, partilha André. A única garantia que tem, neste momento, é que as três exposições permanecerão nas bibliotecas até ao final da Capital Ibero-americana. Mas há a hipótese de permanecerem, o que, se vier a concretizar-se materializa a intenção original das exposições: marcar e transformar o espaço das bibliotecas.

Fotografias de Joana Berrones

and the winner is...

Newbery Medal

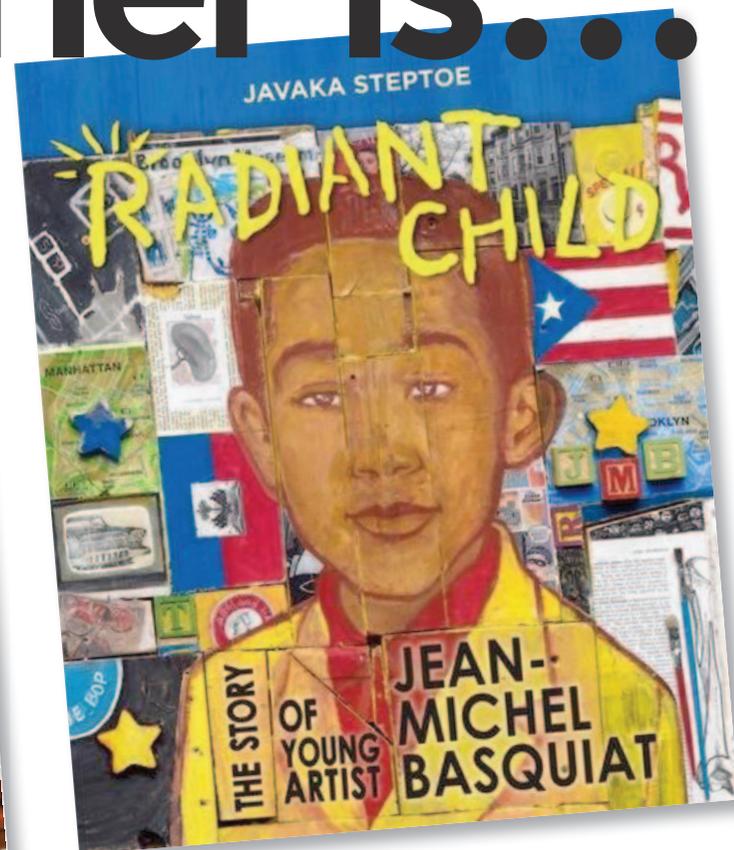
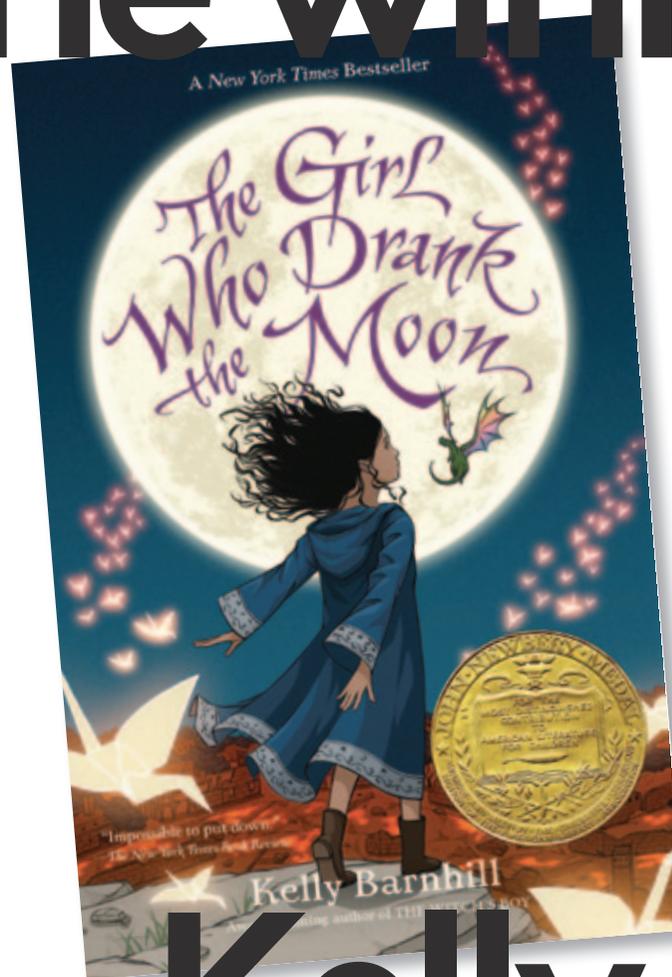
The girl who drank the moon, Kelly Barnhill,
Algonquin Young Readers

É uma narrativa de pendor maravilhoso, com uma cadência onírica e poética que vale a Kelly Barnhill a principal distinção atribuída pela American Library Association a escritores de literatura infantojuvenil. A história de uma menina que acidentalmente é alimentada pelo luar por uma bruxa bem intencionada explora a ideia do autoconhecimento e dos juízos dos outros. Os três livros com menções honrosas têm em comum o facto de escolherem momentos históricos passados como pano de fundo.

Caldecott Medall

Radiant Child: the Story of Young Artist Jean-Michel Basquiat, Javaka Steptoe,
Little, Brown and Company

A biografia do artista plástico que se destacou em Nova Iorque nos anos 1980 é delineada a partir de uma visão da arte no quotidiano pelo ilustrador que segue algumas técnicas próximas do biografado e que resultam num mosaico vibrante de cor, forma e textura. De entre as menções honrosas, duas delas foram atribuídas a álbuns que também se encontram editados em Portugal: *Ké Iz Tuk?*, pela Orfeu Negro, e *Todos viram um gato*, pela Edicare.



Kelly Barnhill

Javaka Steptoe



**VISITA
GUIADA**
ANDREIA
BRITES

Uma editora com uma biblioteca dentro

Quando chegamos ao primeiro andar do n.º 17 da Rua das Chagas, somos recebidos por Martina Ricci, assistente editorial da Livros Horizonte. A visita começa e logo para, na primeira porta à direita do corredor, onde está Conceição Ribeiro. Ela é o último reduto da história passada da editora, e com Helena, que partilha a sala, as resistentes da administração de Rogério Moura. A equipa actual é pequena, cinco mulheres que trabalham ali, e um homem no armazém. Conceição, que começou a trabalhar ali, naquele mesmo andar, em Março de 1974, recorda a Revolução do 25 de Abril. «O doutor emprestou-nos uma telefonia e disse-nos: "Vão para casa." Mas nós não fomos. Então estava a acontecer uma coisa daquelas e não íamos ver? Havia PIDEs escondidos nas igrejas. Ali no Camões íamos sendo apanhadas por um estilhaço. Junto ao edifício onde era a Sá da Costa.

A nossa sorte foi conhecermos a senhora de lá e entrarmos.» Conceição conhece o catálogo como ninguém. Quando nos voltamos para a estante da entrada, onde estão todos os livros infantis que ainda não foram descontinuados, é com facilidade que reconhece os primeiros publicados em formato álbum. *Adivinha, Adivinha*, de Luísa Ducla Soares foi o primeiro de um autor português, e é o sétimo da colecção. E recorda ainda que foi Rogério Moura quem editou em primeiro lugar livros sobre desporto e sobre a cidade de Lisboa. Actualmente, Conceição e Helena tratam das vendas e dos direitos de autor.

Continuando pelo corredor, depois da sala de reuniões, está Alexandra Cayolla, a responsável pela comunicação. Segue-se a sala que Martina partilha com Rosa Machado, também assistente editorial. Nas estantes está o catálogo editado

Um catálogo com mais de sessenta anos

pela nova equipa: volumes de história, ensaio, biografias, ciência e religião, áreas caras à identidade da Horizonte. Os infantis também têm o seu lugar garantido. Ambas as assistentes editoriais trabalham a totalidade do catálogo, recorrendo a especialistas para a revisão científica no caso dos títulos para adultos. Os livros estrangeiros que chegam para apreciação ocupam outra parede e ainda há espaço para originais e relíquias do passado. Na sala seguinte somos apresentados ao administrador, Luciano Patrão, que comprou a editora em finais de 2014 e reitera a aposta no livro infantil, nomeadamente de autores portugueses, que constituem 50% da edição anual na área. Parece que chegamos ao fim, mas Martina reservou-nos uma surpresa. É um tesouro escondido em prateleiras e um armário numa sala interior: mais de meio século de edição em vias de ser devida-

mente organizada. É a biblioteca da Livros Horizonte, que a equipa faz questão de preservar e da qual se orgulha. Desde livros censurados, como é o caso de *O Parto sem Dor*, o quarto título editado pela Horizonte, às colecções académicas sobre literatura e educação, todos os títulos descontinuados de um catálogo com mais de sessenta anos se encontram ali. Na colecção de poesia, o título inaugural é *Prouavelmente Alegria*, de José Saramago, que data de 1970. Há também espaço para o infantil: Matilde Rosa Araújo, Leonel Neves, José Barata Moura, Luisa Ducla Soares, António Torrado, António Mota são apenas alguns dos nomes da literatura portuguesa que integram a notável colecção Pássaro Livre. Naquelas prateleiras poderia facilmente começar outra visita, guiada pelo tempo.

FOTOGRAFIAS DE JORGE SILVA







...novas instalações de
LIVROS HORIZONTE

Rua das Chagas 17. 1^o D^{to}
LISBOA 2

TEL 366917
368505

AVELAR, Rui Azevedo

AVELAR, Mário

Arranja, Álvaro

EDITORES PORTUGUESES

IMPRESA NACIONAL

INSTRUÇÕES

(Regras a seguir por compositores e revisores)

COLIGIDAS E ANOTADAS

POR

ARTUR DE SOUSA GOMES
CHEFE DA SECÇÃO DE REVISÃO

//

LISBOA-1970



SARA E O MAGO

de
John Wolf

ilustrado por
Manel Cruz

LIVROS
HORIZONTE



Wolf

ilustrado por
Manel Cruz

LIVROS
HORIZONTE







O ELEFANTE E A PULGA

LEONEL NEVES

BICHOS BICHINHOS E BICHARCOOS

SIDONIO MURALHA

O COELHO BARAFUNDA

JOSÉ BARATA MOURA

O GATO DOURADO

MATILDE ROSA ARAUJO

O GATO DOURADO

MATILDE ROSA ARAUJO

O GATO DOURADO

HISTÓRIAS DO ZE PALÃO

LEONEL NEVES

TODAS AS CRIANÇAS DA TERRA

SIDONIO MURALHA

O LIVRINHO DOS MACACOS

LEONEL NEVES

O POLICIA BALARINO

LEONEL NEVES

HELENA E A COTOVIA

SIDONIO MURALHA

O FAISCA

ILSE LOSA

O CAVALHEIRO SEM ESPADA

MATILDE ROSA ARAUJO

O MOSQUITO E O SENHOR PEQUINHA

ANTÓNIO TORRADO

O TAMBOR-MOR

JOSÉ BARATA MOURA

O CAPITÃO TÃO BALÃO

BONIFACIO

O DRAGÃO

ILSE LOSA

O DRAGÃO

LUIZA DUCLA SOARES

TERRA E MUR VISTOS DO AR

LUIZA DUCLA SOARES

A ONDA GRANDE E BOA

LEONEL NEVES

UMA LUZIA DE ADIVINHAS

ILSE LOSA

A ESTRANHA HISTÓRIA DUMA TILIA

LUIZA DUCLA SOARES

HISTÓRIAS DE BICHOS

LEONEL NEVES

O SOLDADINHO E A POMBA

LEONEL NEVES

ERA UMA VEZ UM COELHO BRANCO

MARIA ANTONIETA GARCIA

BICHOS DE TRAZER POR CASA

ANTONIO TORRADO

GATOS

ANTONIO TORRADO

O MERCADOR DE COISA NENHUMA

UMA HISTÓRIA POR ACABAR

MACIA ROSA DIAS COSTA

MARIA ROSA DIAS COSTA

HISTÓRIA DE RUTRA, O MENINO ARTUR

MARIA ROSA DIAS COSTA

RUTRA E O FATO NOVO

SIDONIO MURALHA

O ROUXINOL E A SUA NAVORADA

JOSÉ JORGE LETRIA

HISTÓRIAS DO ARCO-IRIS

MATILDE ROSA ARAUJO

Os Quatro Jovens

MATILDE ROSA ARAUJO

A Valha de Bonavaz

MATILDE ROSA ARAUJO

O COELHO ATLETA E A SUA ESCOLA DE DESPORTO

MATILDE ROSA ARAUJO

UMA FLAUTA CHAMADA TERNURA

MATILDE ROSA ARAUJO

POEMAS DA MENTIRA... E DA VERDADE

MATILDE ROSA ARAUJO

A RATALHA DE PEDRA

MATILDE ROSA ARAUJO

SILKA

MATILDE ROSA ARAUJO

HISTÓRIAS DO RIBEIRO

MATILDE ROSA ARAUJO

JOÃO CAREÇA, MESTRE DETECTIVE

MATILDE ROSA ARAUJO

O GRILLO VERDE

MATILDE ROSA ARAUJO

O SENHOR-QUE-NÃO-SABIA-CONTAR-HISTÓRIAS

MATILDE ROSA ARAUJO

TOADAS PARA GENTE NOVA

MATILDE ROSA ARAUJO

A MENINA DA TRANÇA QUE DANÇA

MATILDE ROSA ARAUJO

O MISTÉRIO DO QUARTO BEM FECHADO

MATILDE ROSA ARAUJO

HISTÓRIA DE UM RAPAZ

MATILDE ROSA ARAUJO

O MENINO E O VENTO

MATILDE ROSA ARAUJO

O SENHOR LEOPARDO

MATILDE ROSA ARAUJO

O FANTASMA

MATILDE ROSA ARAUJO

O GRILLO E O SEU VIOLÃO

MATILDE ROSA ARAUJO

TUOQ, QUEM TOCA A PARTI

MATILDE ROSA ARAUJO

LENGUA LANGUAS

MATILDE ROSA ARAUJO

O MENINO E A ESTRELA

MATILDE ROSA ARAUJO

LUIZA DUCLA SOARES

MATILDE ROSA ARAUJO

A SERRA LILÁS

MATILDE ROSA ARAUJO

LUIZA DUCLA SOARES

MATILDE ROSA ARAUJO

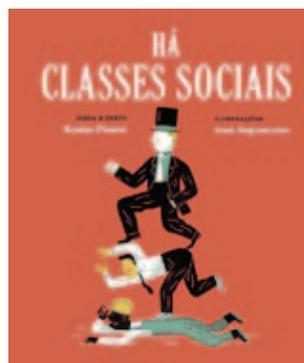
o pagão não se caia

MATILDE ROSA ARAUJO

o quinta do meu avô e o segredo da serra azul

MATILDE ROSA ARAUJO

Datado de 1978, *Há Classes Sociais* explica num discurso marcadamente ideológico como está estruturada a sociedade de classes (alta, média e classe trabalhadora) e o poder financeiro que as distancia. Atenta nos valores e nos conflitos, sobretudo na desigualdade. Contudo, não se corre o risco de cristalização. Apesar da descrição da classe média ser demasiado estanque para a realidade deste início de século XXI, as suas características essenciais parecem constituir uma espécie de esqueleto ao qual cada momento histórico pode vestir o que melhor lhe servir. Aquilo que poderia à época consistir em radicalismo ideológico em relação ao poder (o texto afirma que os padrões têm poder não apenas sobre os trabalhadores mas igualmente sobre as decisões políticas, jurídicas e judiciais), hoje é uma constatação linear e quase comumente aceite como uma inevitabilidade pelos adultos. Todavia, como lerão os mais novos estes textos programáticos? Na introdução a cada um dos volumes a editora portuguesa explica a origem da coleção na Espanha em transição democrática. O desafio que propõe, nessa mesma nota, é o de identificar nos textos aquilo que ainda se mantém atual. E, salvo um ou outro deta-



lhe ao nível dos tipos de trabalho, pouco ou nada se alterou. A ilustração, por sua vez, actualiza o texto. Telemóveis, *call centers* e computadores fazem parte dos quadros representativos de uma população diversificada, representada a laranja, amarelo, verde e preto.

Em *As Mulheres e os Homens* há algumas diferenças que o tempo, em certos países, atenuou. Há muito mais mulheres em lugares de chefia e a importância de estudar é neste momento equivalente para umas e outros. Todavia, a matriz da educação mantém-se, apesar de ser menos evidente. As ilustrações de Luci Guttiérrez atuam como as de Joan Negrescolor, apresentando situações que levam o leitor a criar narrativas e contextos a partir e para além do que é dito. Um exemplo claro é o das janelas, quando se explica a relevância do sexo numa relação, e se apresentam vários pares, desde dois gatos, duas crianças, um homem e uma mulher, dois homens, e duas mulheres. A mensagem de ambos os livros é poderosa com textos diretos e ilustrações sugestivas. No panorama da edição infantojuvenil, são necessários. Porém, muitos adultos desejariam que já não fossem mais que um testemunho do passado.

A classe média
está a meio caminho de tudo.
Não é rica de verdade
nem pobre de todo.





Desde pequenos, os meninos são tratados de uma forma...

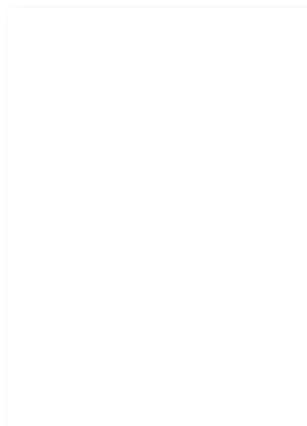


... e as meninas de outra bem diferente.

Esta é a terceira narrativa de Clara Cunha, que se estreou em 2008 com *O Cuquedo*. Contrariando o ritmo acumulativo e o elemento surpresa que vem a desvendar-se num clímax poderoso, a presente narrativa assenta num pressuposto onírico apresentado logo no início. A protagonista declara, quando a mãe a vai acordar, que quer brincar ao jogo do faz-de-conta. O título ilumina-se imediatamente e ganha o seu significado sem ambiguidades.

Tendo em conta que o desafio proposto pela menina a si própria e ao leitor implica uma capacidade de construir e acreditar numa realidade paralela, a estrutura narrativa não precisa de outras camadas de sentido.

Assim, o desenrolar das situações do quotidiano, do acordar até ao regresso da escola, sucedem-se respeitando uma ordem sequencial que por sua vez deriva precisamente de uma linearidade temporal. Há episódios mais surpreendentes, como o aparecimento do urso, e outros mais divertidos, quando se trata da relação entre o urso e os colegas da escola e a professora. A naturalidade com que a protagonista descreve o insólito credibiliza a fantasia e o pacto que o leitor estabelece com o propósito da narrativa: participar no faz-de-conta acreditando



na sua possibilidade. É através da ilustração que este livro ilustrado recupera a ambiguidade. Rachel Caiano recorre, como é comum no seu trabalho, à disposição de elementos avulsos num contexto espacial. Os destaques conjugam-se com os detalhes e ambos concorrem para o mistério. Tendo em conta que a menina traça um itinerário que começa no seu quarto e termina quando sai da escola, no regresso a casa, aquela mesa é a da cozinha e aqueles passos seguem as ruas para chegar à escola? Algo não bate inteiramente certo e esse é o segredo da ilustração. Até onde leva a menina o jogo do faz de conta? A certa altura, entre leitura e releitura, reconhecem-se elementos reciclados, que já foram reis e rainhas e agora podem ser colegas de escola, ou jarros que se transformam em foguetões. A perspetiva do espaço nunca é completa, pelo que a linearidade dos acontecimentos poderia fazer-se acompanhar de uma contiguidade espacial. Ou não. A partir da recomposição e da perspetiva, o faz de conta ganha uma outra dimensão temporal paralela. O tempo dentro do faz de conta pode ser imenso e o tempo que dura o faz de conta pode ser muito curto. Quem é que não sabe isso?



Encolho as pernas e empurro com força a roupa que me cobre. De um salto ponho-me em pé mas rapidamente caio de novo na cama. Um urso saltou-me para cima!
Faz de conta que o meu cão é o urso. Um urso pardo, todo castanho, mede mais de dois metros e tem uma grande cabeçorra.
Neste momento estou debaixo do meu urso a lutar com ele, e a única coisa que o faz mover-se é o cheiro a torradas com mel que entra no meu quarto vindo da cozinha do castelo.
Bonito! Agora estou cheia de baba de urso!
Está quase na hora de ir para a escola. Sim, sim, as princesas também vão à escola!





SOMOS BIBLIOTECAS PÚBLICAS. MUNICIPAIS. DE TODOS.

CAMPANHA DE PROMOÇÃO DAS BIBLIOTECAS PÚBLICAS

www.somosbibliotecas.pt



facebook.com/somosbibliotecas



twitter.com/somosbiblio



associação portuguesa de
bibliotecários, arquivistas e documentalistas

**José
Sarama-
magão e**

In José Saramago nas suas Palavras
Organização e edição de
Fernando Gómez Águilera

a lite saramaguiana

ratura

Se a **literatura** nesta terra ainda serve para alguma coisa, isto é, se for mais do que alguns estarem ainda a escrever para alguns estarem ainda a ler, torna-se urgente recuperá-la, já que a nossa sociedade corre o risco, devido aos audiovisuais, de emudecer, ou seja, de haver cada vez mais uma minoria com grande capacidade para falar e uma maioria crescente limitada a ouvir, não entendendo sequer muito bem o que escuta.

Creio, e não estou a ser nada original, achar excelente não ser possível catalogar os livros consoante os géneros a que supostamente devam pertencer. É como se entre os géneros não houvesse fronteiras tão rígidas como as que separam as nações. Olhamos o mapa e vêmo-lo dividido em riscos ou cores. É muito bom que hoje seja difícil catalogar os géneros. Se cada um puder aproveitar a riqueza dos outros, acho óptimo. Não sei se daqui a uns anos, não poderemos fundir todos os géneros para depois os tornarmos a dividir, num fenómeno de concentração e expansão semelhante ao que existe nas galaxias. Neste momento, creio que cada um dos **géneros literários** se expande em relação a todos os outros. Às vezes dizem-me: «Você devia fazer poesia», e eu respondo: «Procurem-na nas páginas dos meus romances.»

Há que reconhecer que a *literatura* não transforma socialmente o mundo, e que é o mundo que vai transformando, e não só socialmente, a literatura. É ingênuo incluir a *literatura* entre os agentes da transformação social. Reconheçamos que as obras dos grandes criadores do passado não parecem ter dado origem, em sentido pleno, a nenhuma transformação social efectiva, mesmo quando tiveram uma forte influência em comportamentos individuais e de geração. A humanidade seria hoje exactamente tal como é mesmo que Goethe não tivesse nascido. A *literatura* é irresponsável, porque não se lhe pode imputar nem o bem nem o mal da humanidade. Pelo contrário, actua como um reflexo mais ou menos imediato do estado das sociedades e das suas sucessivas transformações.

Numa das horas de pessimismo agudo cheguei a afirmar que, se Cervantes ou Shakespeare não tivessem nascido, o mundo seria o que é. Em todo o caso, a literatura poderá exercer uma influência pessoal, mas não social. Além disso, temos de ter em conta que os escritores nunca estiveram de acordo com o que deve ser uma mudança: cada um tem a sua percepção da sociedade, a sua consciência do mundo.

Andamos há séculos a perguntar-nos uns aos outros para que serve a *literatura*, e o facto de não haver uma resposta não irá desanimar os futuros perguntadores. Não existe uma resposta possível. Ou então há infinitas: a *literatura* serve para entrar numa livraria e para nos sentarmos em casa, por exemplo. Ou para ajudar a pensar. Ou para nada. Porquê esse sentido utilitário das coisas? Se temos de procurar o sentido da música, da filosofia, de uma rosa, é porque não estamos a entender nada. Um garfo tem uma função. A *literatura* não tem uma função. Embora possa consolar uma pessoa. Embora nos possa fazer rir. Para piorar a *literatura* basta deixar de respeitar a língua. Por aí se começa e por aí se acaba.

É a **literatura** o que, inevitavelmente, faz pensar. É a palavra escrita, a que está no livro, a que faz pensar. E neste momento é a última na escala dos valores.



Casa Fernando Pessoa



Fundação José Saramago
Casa dos Bicos

**Bilhetes de € 1,00 na segunda Casa de Autor,
mediante apresentação do bilhete de entrada
na primeira Casa visitada.
(Desconto com validade de 10 dias)**

Entrance tickets of € 1.00 in the second Author House,
on presentation of the entrance ticket of the first home visited.
(Discount is valid for 10 days)

Entradas a € 1,00 en la segunda Casa de Autor,
en la presentación del billete de entrada en la primera casa visitada.
(El descuento es válido por 10 días)



Casa Fernando Pessoa
Rua Coelho da Rocha, 16
Campo de Ourique
1250-088 Lisboa
Tel. (Phone) - + 351 213 913 270
casafernandopessoa.pt

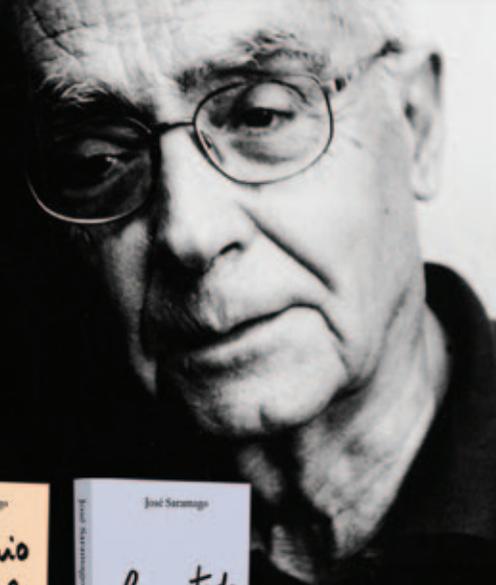


Fundação José Saramago
Casa dos Bicos
Rua dos Bacalhoeiros, 10
1100-135 Lisboa
Tel. (Phone) - + 351 218 802 040
josesaramago.org



Prémio Nobel
de Literatura

JOSÉ SARAMAGO



Disponíveis
em fevereiro

Que boas estrelas estarão cobrindo os céus de Lanzarote?

A Casa José Saramago

Aberta de segunda a sábado, das 10 às 14h. Última visita às 13h30.

Abierto de lunes a sábado de 10 a 14h. Última visita a las 13h30 h.

Open from monday to saturday, from 10 am to 14 pm. Last entrance at 13.30 pm.

Tías-Lanzarote – Ilhas Canárias, Islas Canarias, Canary Islands – www.acasajosesaramago.com



fevereiro

Modernidades Fotográficas, 1940-1964

Até 26 fev

Com trabalhos dos fotógrafos brasileiros José Medeiros, Thomaz Farkas, Marcel Gautherot e Hans Gunter Flieg, esta exposição acompanha um período crucial para a formação da fotografia moderna no Brasil. Rio de Janeiro, Instituto Moreira Sales.



Pablo Picasso: Más allá de la semejanza

Até 28 fev

Exposição de desenhos de Picasso criados entre 1897 e 1972, percorrendo quase toda a sua carreira artística. Buenos Aires, Museo de Arte Moderno.



Dones Surrealistas Até 1 abr

Exposição que reúne duas dezenas de obras de mulheres cujo trabalho passou, em algum momento, pelo surrealismo e pela Catalunha. Barcelona, Galeria Mayoral.



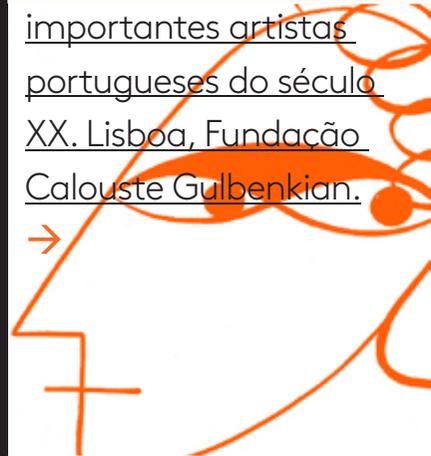
La ciudad en viñetas. Carla Berrocal Até 2 abr

Inserido no programa «La ciudad en viñetas», do CentroCentro, um mural em banda desenhada assinado por Carla Berrocal, com narrativas em torno de Madrid e dos seus recantos. Madrid, CentroCentro.



Almada Negreiros: Uma maneira de ser moderno Até 5 jun

Primeira exposição retrospectiva da obra de Almada Negreiros em 25 anos. São mais de quatrocentas obras organizadas em núcleos temáticos que dão a ver o percurso de um dos mais importantes artistas portugueses do século XX. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.



Correntes d'Escritas **21 a 25 fev**

Celebrando os 18 anos, o maior e mais antigo festival literário português volta a reunir na Póvoa de Varzim escritores oriundos de países de língua portuguesa e espanhola. Póvoa de Varzim, Cine-teatro Garrett.



fevereiro

A Máquina de Emaranhar Paisagens **23 a 26 fev**

Dinarte Branco encena e interpreta esta peça, composta a partir de textos de Herberto Helder. A música, original e interpretada ao vivo, é de Cristóvão Campos. Porto, Teatro Carlos Alberto.



A Constituição **3 mar**

Integrado numa tetralogia dedicada à reflexão em torno das questões políticas, filosóficas e públicas, este espetáculo coloca 4 atores perante a tarefa de escrever uma nova constituição. Viseu, Teatro Viriato.



A Cabeza do Dragón **3 a 5 mar**

As Producións Teatrais Excéntricas levam ao palco a primeira peça que Ramón de Valle-Inclán escreveu em galego, uma farsa que cruza a tradição teatral europeia com alguma influência japonesa. Santiago de Compostela, Teatro Principal.



Rota das Letras **4 a 19 mar**

Sexta edição do festival literário de Macau, reunindo autores de várias paragens, com destaque para a expressão portuguesa e chinesa. Macau, Edifício do Antigo Tribunal.



Embora nós não sejamos detentores da verdade, porque isso não existe, somos os que dizemos a palavra não. O sim é rotineiro, está sempre ali. É sempre necessário introduzir um não para enfrentar o sim que é o consenso hipócrita em que mais ou menos estamos a viver.

In José Saramago nas suas Palavras